

---

**EDUCAÇÃO FÍSICA**

---

**ANA LÍVIA GORGATTO FRAIHA**

**A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR,  
O BASQUETEBOL E O LIVRO DIDÁTICO:  
AVALIAÇÃO DO CONTEXTO DA  
APRENDIZAGEM**



Rio Claro  
2012

**ANA LÍVIA GORGATTO FRAIHA**

**A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR,  
O BASQUETEBOL E O LIVRO DIDÁTICO:  
AVALIAÇÃO DO CONTEXTO DA  
APRENDIZAGEM**

**Orientador: Profa. Dra. Suraya Cristina Darido**

**Co-orientador: Prof. Luiz Gustavo Bonatto Rufino**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de Biociências da Universidade  
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –  
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau  
de Licenciada em Educação Física.

Rio Claro  
2012

796.323    Fraiha, Ana Livia Gorgatto  
F812e        A Educação Física escolar, o basquetebol e o livro didático: avaliação  
do contexto da aprendizagem / Ana Livia Gorgatto Fraiha. - Rio Claro :  
[s.n.], 2012  
68 f. : il., figs., gráfs., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação Física) -  
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro  
Orientador: Suraya Cristina Darido  
Co-Orientador: Luiz Gustavo Bonatto Rufino

1. Basquetebol. 2. Prática pedagógica. 3. Ensino-aprendizagem. 4.  
Pedagogia de esporte. 5. Cultura corporal de movimento. I. Título.

## DEDICATÓRIA

*“Dedico este trabalho para as pessoas mais importantes da minha vida: minha mãe, Marcia,  
e meu pai, William. TUDO PARA MIM!”*

## AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas para agradecer, pessoas muito especiais que nenhum TCC seria capaz de abranger a todos. Pessoas que, sem sombra de dúvidas, estiveram e sempre estarão presentes em minha vida.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus pela existência e pela proteção de cada dia. Sem a minha fé, não conseguiria chegar até onde eu cheguei hoje, passando por tantas provações na minha vida.

À minha mãe, minha rainha e exemplo de força, superação e luta. Ao meu pai, meu eterno fã, protetor e tão carinhoso. A eles, meus QUERIDOS e AMADOS pais pelo apoio em todas as escolhas no meu caminho desde o meu nascimento, pela compreensão, a paciência, o cuidado, as preocupações de todos os dias, o carinho e principalmente o amor, que é tão grande e lindo entre a gente. Meus pais, vocês são a minha base, o meu refúgio de todas as aflições, medos, alegrias e conquistas. Sem vocês, eu não seria ninguém. Eu amo demais vocês!!! Obrigada por tudo e por acreditarem em mim sempre.

Ao meu namorado, Rodolfo, pela paciência e compreensão em todo esse tempo juntos. Tê-lo ao meu lado nesses anos me proporcionou muita força para seguir em frente e amá-lo cada dia mais. Te amo muito, meu amor!

À dona Maria (*in memorian*), uma amiga muito especial que rezou e acreditou em mim sempre, como filha, aluna, namorada e principalmente como uma pessoa que só quer o bem do próximo. Ela era e continua sendo o meu anjo da guarda. Quanta saudade, dona Maria. Muito obrigada pela sua luz que guiava e ainda guia a mim e à minha família.

À minha vizinha, Elydia, por tanto carinho e aconchego quando chego à minha cidade (Mirassol-SP) e pelas orações. Te amo, vó!

À Luana, que mora comigo desde o primeiro ano de graduação, pelas conversas, por ser compreensível e compartilhar momentos de angústias e alegrias. Obrigada, Luana!

Ao meu co-orientador e amigo, Luiz Gustavo, pelas horas de orientação e dedicação para que o trabalho saísse bem feito. Agradeço-o pela aprendizagem e pelo meu crescimento pessoal, principalmente enquanto escritora. Muito obrigada, Cogu!

À minha querida professora e orientadora, Suraya, pela credibilidade e paciência a qual me conduziu para realizar este trabalho, e pelo crescimento e aprendizagem enquanto futura educadora.

A todos meus amigos unespianos, em especial ao Márcio, Renato, Kauan, Tami, Paulo, Amanda, Vander, Raquel, Daphne e Rô (batatinha) pela força e confiança a cada dia. Obrigada, galera!

A todos do LEF 2009 pelos momentos bons e ruins que passamos juntos durante esses anos.

A todos os meus professores da UNESP que me proporcionaram tantos conhecimentos e experiências e aos funcionários unespianos que me auxiliaram nesses quatro anos de Universidade.

Aos meus vizinhos rio-clarenses, André e Luciane, que foi a família que adotei quando cheguei a Rio Claro. Muito obrigada por tudo, Lú e André!

Aos meus companheiros e amigos do LETPEF (Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física).

Ao professor Fernando, professor da escola a qual realizei meu estudo, pela confiança, ajuda e contribuição de sua experiência durante todo esse processo na escola.

Aos meus professores de Educação Física da escola, Tenani e Luís, por me apresentar o mundo esportivo e com isso querer a profissão.

Ao Marcão, meu primeiro treinador, que me ensinou todos os valores e técnicas na prática do basquetebol. Foi quem me ensinou os primeiros passos desde a bandeja até as conquistas.

Ao basquetebol, meu parceiro de hoje e sempre.

À professora Sara, pelos tempos em que estive no Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisa em Atletismo (GEPPA), pelas oportunidades, aprendizagens e amizade que construímos ao longo desses quatro anos.

Ao Heitor, pelas conversas e trocas de experiências sobre o basquetebol.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela concessão da bolsa e apoio para a realização do presente trabalho.

Enfim, agradeço a todos, meus familiares, amigos e todas as pessoas que rezaram e torceram por mim, para que esse trabalho se tornasse uma realidade.

MUITO OBRIGADA A TODOS. SEMPRE!

## RESUMO

Embora garantida por leis, a Educação Física enquanto prática pedagógica em muitas escolas ainda baseia-se em uma concepção tradicional relacionada ao ensino tecnicista de algumas modalidades esportivas, com caráter de reprodução dos movimentos técnicos. O basquetebol, como as demais modalidades esportivas na escola, possuía durante o período esportivista características nítidas deste período. Atualmente, com as novas propostas pedagógicas tanto da Educação Física escolar quanto da pedagogia do esporte, o ensino do basquetebol pode estar atrelado com a concepção de cultura corporal de movimento no qual a modalidade não deve ser abordada somente de maneira procedimental (o saber fazer) e o aluno deve que ser considerado como sujeito ativo do processo. Um dos caminhos para propor a relação entre cultura corporal de movimento e o ensino do basquetebol é por meio da implementação de um livro didático, construído a partir pressupostos teóricos, Galatti (2006) e Rodrigues (2009), os quais realizaram propostas que melhoram a compreensão dos conteúdos referentes ao basquetebol. Portanto, o objetivo do presente estudo foi avaliar o processo de ensino-aprendizagem de um grupo de alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual do município de Rio Claro, SP, a partir da aplicação de um livro didático constituído de conteúdos referentes ao basquetebol atrelados a perspectiva da cultura corporal de movimento. Para isso foi aplicado um instrumento avaliativo com todos os alunos participantes antes e depois da implementação das aulas, analisando-se também os livros respondidos pelos alunos e, finalmente, avaliando a aprendizagem deles por meio de um grupo focal. Os resultados indicam que os alunos tiveram aumento em suas notas após a implementação das aulas com o livro didático. Além disso, o livro didático proporcionou um aporte necessário para a utilização das dimensões de conteúdo (conceitual, atitudinal e procedimental), propiciando um auxílio bastante importante à prática pedagógica. Embora não seja possível confirmar que houve aprendizagem, uma vez que para se avaliar a aprendizagem outros critérios são necessários, a pesquisa evidenciou algumas possibilidades de inter-relação do basquetebol nas aulas de Educação Física por meio da explícita consideração das três dimensões dos conteúdos, a partir da compilação de um livro didático voltado ao aluno. Isso sugere estudos mais aprofundados nesse contexto buscando averiguar a aquisição da aprendizagem dos alunos, área ainda pouco explorada na Educação Física escolar.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar; basquetebol; livro didático; prática pedagógica; ensino-aprendizagem.

## SUMÁRIO

|                                                                                     |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>1. APRESENTAÇÃO</b>                                                              | 08 |
| <b>2. INTRODUÇÃO</b>                                                                | 10 |
| <b>3. OBJETIVO</b>                                                                  | 13 |
| <b>4. REVISÃO DE LITERATURA</b>                                                     | 14 |
| 4. 1. A Educação Física escolar                                                     | 14 |
| 4. 2. Basquetebol na escola                                                         | 17 |
| 4. 3. Livro didático                                                                | 20 |
| <b>5. METODOLOGIA</b>                                                               | 25 |
| 5. 1. Alunos                                                                        | 25 |
| 5. 2. Compilação e implementação do livro didático                                  | 25 |
| 5. 3. Aplicação do instrumento avaliativo antes e depois da implementação das aulas | 26 |
| 5.4. Análise dos livros didáticos                                                   | 26 |
| 5.5. Grupo focal                                                                    | 26 |
| 5.6. Análise dos resultados                                                         | 27 |
| <b>6. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>                                                    | 28 |
| 6.1. Descrição do processo                                                          | 28 |
| 6.2. Análise do instrumento avaliativo (IA)                                         | 32 |
| 6.3. Análise do livro didático                                                      | 36 |
| 6.4. Grupo Focal                                                                    | 38 |
| 6.4.1. Material                                                                     | 38 |
| 6.4.2. Conteúdo                                                                     | 40 |
| <b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                                      | 44 |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                                                                  | 47 |
| <b>ANEXO</b>                                                                        | 50 |

|                                        |    |
|----------------------------------------|----|
| Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa | 50 |
| <b>APÊNDICES</b>                       | 51 |
| Instrumento avaliativo                 | 51 |
| Roteiro do grupo focal                 | 55 |
| Livro didático compilado               | 56 |

## 1. APRESENTAÇÃO

Iniciei meu treinamento no basquetebol em 2004. Antes disso, eu nunca havia pensado em praticar o basquetebol por ser uma modalidade que não estava inserida no meu dia-a-dia. Em um campeonato de basquetebol no clube que sou sócia na minha cidade, minha professora de Educação Física da escola e também funcionária do clube, me inscreveu neste campeonato. A princípio eu não queria participar, mas quando iniciou, meu pai como torcedor de sempre, gostou do meu jeito de jogar e pela minha altura.

No dia seguinte, ele me perguntou se eu gostaria de treinar basquete. Fiquei surpresa na hora, porque até então eu jogava handebol e futsal, mas quis arriscar. Na verdade, eu tinha gostado de jogar basquete. Meu pai foi atrás de um lugar para eu começar os treinamentos, e foi aí que ele encontrou o professor Marcos Silveira, o Marcão. Ele treinava a equipe da minha cidade e conhecia meu pai desde os tempos de criança.

Em abril de 2004, comecei. Quando cheguei, fui muito bem recepcionada pelas atletas, e a equipe já estava disputando a Liga de Basquetebol de Rio Preto (LIBASK). A princípio foi bem difícil, pois eu não tinha conhecimento a fundo o basquetebol. Mas consegui me adaptar com o tempo.

Meu primeiro jogo, como atleta, foi engraçado. Eu andava bastante com a bola, o que não pode, e discutia com o meu pai, que estava do lado de fora torcendo. Meu pai me acompanhava em todos os jogos, e me cobrava muito. Com o tempo, eu e ele amadurecemos. Eu enquanto jogadora/atleta e meu pai enquanto torcedor/fã.

Durante todo esse processo junto à equipe participamos dos Jogos Regionais e continuamos na LIBASK. No ano seguinte, em 2005, conseguimos avançar para o quadrangular final da liga que tinha as melhores equipes da região daquele momento: Araçatuba, Birigui e São José do Rio Preto. Ficamos em quarto lugar, mas esta colocação era tão significativa para nossa equipe que voltamos para casa muito felizes.

No final deste mesmo ano ocorreu a chamada Seleção de Ouro, a qual premiava melhores atletas do ano da LIBASK. Eu consegui esse feito e fui premiada como melhor pivô. Em 2006, fui convidada para jogar na equipe de Itajubá-MG nos Jogos da Juventude (JOJU). No JOJU conseguimos ficar na terceira colocação em meio aos melhores times mineiros.

Foi neste mesmo campeonato que havia uma “olheira” do time do Finasa/Osasco-SP. Ela me procurou e procurou pelo meu pai para convidar a fazer um teste no time. Fiquei super feliz, pois o time do Osasco é um dos melhores times de basquete do Brasil. Porém, não

consegui passar. Eu sempre havia jogado como pivô e a técnica queria que eu jogasse como lateral, no mesmo nível da lateral titular.

Em 2007, voltei para a equipe de Mirassol-SP e continuamos a disputar a LIBASK. No final do ano conseguimos ser campeãs da liga e mais uma vez fui premiada na Seleção de Ouro, novamente como melhor pivô. Foi neste mesmo ano que a diretora do time recém-federado de Araçatuba contatou meu pai. Ela queria que eu disputasse a Federação Paulista de Basquetebol com sua equipe. Se eu fiquei feliz? Muito. Era meu sonho.

Joguei durante um ano e meio no Basquete Clube Araçatuba. Conheci muitos lugares, pessoas, amigos que até hoje estão guardados comigo que vitória ou derrota alguma no mundo, em campeonato algum, substituiria. Em 2008, surgiu uma grande dúvida em minha vida, ao ter que escolher entre continuar jogando e não cursar uma Universidade ou estudar e parar de jogar. Foi então que em julho deste mesmo ano, disputamos os Jogos Regionais de Penápolis-SP, conseguimos o primeiro lugar e decidi parar de jogar. Foi um período muito difícil na minha vida, que até hoje há resquícios. Eu tinha amor em jogar, disputar contra equipes fortes, difíceis, mas tive que optar por algo que considerava importante naquele momento que era estudar e ingressar em uma Universidade pública.

A partir de 2009, ano que ingressei na UNESP, pude perceber a importância que o basquetebol tem na minha vida, não mais como esporte de alto rendimento, mas como uma prática de lazer que continuei de forma esporádica. No entanto, o amor pelo basquetebol continuou muito forte, primeiramente como espectadora e, a partir do presente estudo, como objeto de pesquisa o qual foi muito gratificante para mim enquanto futura educadora.

Enfim, o basquetebol me proporcionou muitas experiências, aprendizagens não só enquanto atleta, mas como pessoa, pois fiz amigos, aprendi com as vitórias e as derrotas, conheci lugares e pessoas incríveis, sendo todos esses momentos com o apoio dos meus pais, familiares e amigos. São momentos que vão ser guardados para sempre, até o fim da minha vida. Serei sempre grata ao basquetebol por ter me proporcionado tantas coisas boas.

## 2. INTRODUÇÃO

A partir das deliberações contidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/BRASIL, 1996), a Educação Física passa a apresentar uma importância maior dentro do âmbito escolar, sendo considerada como um componente curricular. Em seu artigo 26, a LDB (BRASIL, 1996) a considera como um componente curricular da educação básica, ajustando-se às diferentes faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.

Porém, em dezembro de 2003, foi promulgada a lei 10.793 que tornou a Educação Física nos cursos noturnos obrigatória, sendo facultativa ao aluno que cumpre jornada de trabalho igual ou superior a seis horas ou que seja maior de trinta anos, que tenha prole, que esteja prestando serviço militar, entre outros (BRASIL, 2003).

Embora garantida por leis, a Educação Física enquanto prática pedagógica em muitas escolas ainda baseia-se em uma concepção tradicional relacionada ao ensino tecnicista de algumas modalidades esportivas, com caráter de reprodução dos movimentos. Isso se deve à grande influência que a história da Educação Física proporcionou a esses profissionais, principalmente durante o período que ela foi ensinada de acordo com a tendência esportivista.

Desde a introdução da ginástica nas escolas, a partir de 1851, por Rui Barbosa, muitas transformações ocorreram. Podemos citar como exemplos o fato da ginástica ter sido instituída separadamente para ambos os sexos, métodos ginásticos europeus influenciando a sistematização da ginástica nas escolas e o surgimento das abordagens higienista e militarista que ganharam força na sociedade, pois para a guerra, eram necessários homens fortes e sadios (DARIDO; SANCHES NETO, 2005).

Segundo Darido e Sanches Neto (2005), principalmente a partir da década de 1970, o Esporte foi associado à Educação Física escolar, levando assim, o caráter esportivista, também conhecido como mecânico e técnico para o contexto escolar. Esse modelo ainda é bastante reproduzido nas escolas brasileiras.

O basquetebol, como as demais modalidades esportivas na escola, possuía nesse período características nítidas do modelo esportivista. No entanto, para romper com os modelos anteriores, foram propostas novas abordagens na década de 1980, como a Construtivista, a Desenvolvimentista, a Crítico-superadora, entre outras, propondo novas formas de se implementar a modalidade na escola.

O basquetebol pode ser inserido no contexto escolar por meio da concepção da cultura corporal que se insere em algumas das abordagens da Educação Física ou movimentos

renovadores. A cultura corporal é o objeto de estudo próprio da Educação Física, representada por diversas manifestações corporais enraizadas na cultura tendo importância histórica e social para o ser humano.

Para Soares et al. (1992), cultura corporal está presente nas atividades expressivas corporais, diferentemente das abordagens anteriores. Betti (2009) destaca cultura corporal de movimento como forma de desenvolver a criticidade por meio da apropriação crítica dessas manifestações. Além disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs/BRASIL, 1998) concebem a cultura corporal de movimento como o objeto de estudo da Educação Física na escola, devendo estar presente durante a prática pedagógica desse componente curricular.

É possível desenvolver formas de ensinar o basquetebol na escola na perspectiva da cultura corporal de movimento. O aluno/iniciante não precisa apenas de elementos técnicos e táticos para jogar, como fundamentos de passe, arremesso, drible (embora isso também seja importante), e sim de momentos que o permita compreender estes elementos, e isso pode acontecer por meio de jogos/brincadeiras e de aprendizagens que possam ampliar os conteúdos a serem propostos nas aulas. Não se nega a necessidade de ensinar também os movimentos técnicos, tendo como foco os sujeitos que se movimentam.

Com isso, é possível que a criança se interesse mais pela modalidade, experimentando com mais interesse e vontade o jogo, desenvolvendo sua sociabilidade com outras crianças e também aperfeiçoando suas habilidades motoras que são muito importantes para o decorrer de seu desenvolvimento, desde que este esteja em parêlho com a da cultura corporal de movimento. Compreender a lógica do jogo é condição fundamental para a prática pedagógica em uma perspectiva crítica e reflexiva.

O aluno deve ser reconhecido como o sujeito do processo, sendo que o professor/treinador deve utilizar de princípios pedagógicos que englobem valores, ideias, fundamentos técnicos, que se relacionam, sendo primordiais no processo ensino-aprendizagem, facilitando o entendimento do jogo e ampliando os conteúdos propostos durante a prática educativa.

Dessa forma, o ensino do basquetebol pode estar atrelado com a cultura corporal de movimento que representa as manifestações historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas dos seres humanos, no qual a modalidade não será abordada apenas de maneira procedimental (como deve ser feito?), mas sim abordada tanto historicamente, proporcionando a compreensão do aluno em relação aos objetivos e finalidades em praticar essa modalidade (dimensão conceitual), quanto trabalhar as atitudes, comportamentos, valores

e ideias que possam desenvolver no aluno/iniciante sua criticidade e o bom convívio com o próximo (dimensão atitudinal).

Um dos caminhos para que isso possa ser realizado é a implementação de livros didáticos que possam abordar a modalidade do basquetebol nas aulas de Educação Física na escola. Entendemos que o livro didático é um material intimamente ligado ao processo de ensino-aprendizagem, ou seja, elaborado e produzido com a intenção de auxiliar as necessidades de planejamento, intervenção e avaliação do professor, bem como contribuir para as aprendizagens dos alunos (RODRIGUES; DARIDO, 2011). Os conteúdos são apresentados de maneira mais dinâmica e são dados exercícios resolutivos.

Na Educação Física, as discussões sobre os livros didáticos são incipientes, sendo estes materiais pouco estudados enquanto instrumento de mediação do processo de ensino e aprendizagem no ambiente escolar. Ramos (2005) sobre a pesquisa do livro didático no campo da Educação Física escolar, apresenta temáticas que necessitam ser mais bem exploradas e indica uma carência de estudos que viabilizem novos olhares para a escola, o aluno e para a atuação do professor (RAMOS, 2005).

Dessa forma, torna-se importante que sejam construídos, implementados e avaliados livros didáticos que tenham, além de outros conteúdos, o basquetebol inserido na perspectiva da cultura corporal de movimento, como manifestação de capacidades físicas, técnicas e táticas, mas especialmente como um fenômeno com fortes possibilidades educacionais, princípios e valores, possibilitando ao professor uma intervenção crítica e consciente durante o processo ensino-aprendizagem.

Neste sentido, utilizando-se do basquetebol enquanto um conteúdo da prática pedagógica foi elaborado um livro didático compilado a partir de pressupostos teóricos dos autores Rodrigues (2009) e Galatti (2006), os quais realizaram propostas de aplicação de materiais didáticos com conteúdos da modalidade. Foi avaliado o processo de implementação desse material com alunos do sétimo ano, assim como sua contribuição para a aprendizagem deles.

### **3. OBJETIVO**

O objetivo do presente estudo foi avaliar o processo de ensino-aprendizagem de alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual do município de Rio Claro, SP, a partir da implementação de um livro didático constituído de conteúdos referentes ao basquetebol. Para isso foi aplicado um instrumento avaliativo com todos os alunos participantes antes e depois da implementação das aulas, analisando-se também os livros respondidos pelos alunos e, finalmente, avaliando a aprendizagem deles por meio de um grupo focal.

## 4. REVISÃO DE LITERATURA

### 4. 1. *A Educação Física escolar*

No que diz respeito à Educação Física, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB/BRASIL, 1996) em seu artigo 26 a considera um componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às diferentes faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos. A lei 10.328 de dezembro de 2001 modificou a composição do artigo 26 da LDB, inserindo a palavra “obrigatório” após a expressão “componente curricular” (BRASIL, 2001).

Em dezembro de 2003 foi promulgada a lei 10.793 que tornou a Educação Física obrigatória nos cursos noturnos, porém sendo facultativa ao aluno que cumpre jornada de trabalho igual ou superior a seis horas ou que é maior de trinta anos, que tenha prole ou que esteja prestando serviço militar, entre outros (BRASIL, 2003).

No entanto, mesmo sendo sustentada por essa lei que garante a sua presença na escola, a Educação Física escolar, em alguns casos, é ensinada de forma tradicional, ou seja, sendo o professor autoritário, o aluno passivo e reprodutor do que o professor demonstra, sendo isto, resquícios da história desta disciplina. Portanto, torna-se importante analisar, mesmo que de forma breve, as principais transformações históricas da Educação Física no Brasil, relacionando com o ensino o conteúdo basquetebol.

A Educação Física foi introduzida na escola oficialmente no Brasil em 1851, com a reforma Couto Ferraz, que autorizava o governo a reformar o ensino primário e secundário. No entanto, na Europa, a preocupação da inclusão de exercícios físicos remonta ao século XVIII (BETTI, 1991).

Em reforma realizada por Rui Barbosa, em 1882, a ginástica foi instituída nas escolas de forma obrigatória para ambos os sexos separadamente e oferecida nas Escolas Normais. Em função da necessidade de sistematizar o ensino da Educação Física na escola, foram utilizados métodos ginásticos vindos de países europeus, sobretudo França, Suécia e Alemanha. O método ginástico mais usado no Brasil foi francês, que é compreendido pelas bases que o método foi criado (bases fisiológicas e pedagógicas), treinamento desportivo e educação física militar (MATTOS, 2000). Para Rui Barbosa, a ginástica embranqueceria a raça de forma eugenista e era direcionada à elite, constituída, na sua maioria, pelos brancos e para os mais fortes (DARIDO; SANCHES NETO, 2005).

Em uma perspectiva semelhante, o higienismo que teve forte influência de médicos, de acordo com Darido e Sanches Neto (2005), preocupava-se com os hábitos de higiene e saúde, valorizando o desenvolvimento do físico e da moral, a partir do exercício.

No modelo militarista, os objetivos da Educação Física na escola foram vinculados à formação de uma geração capaz de suportar o combate, a luta, para atuar na guerra. Por isso, era importante selecionar indivíduos fisicamente aptos, fortes, e excluir os incapacitados. Ambas as concepções – higienista e militarista – a consideravam como disciplina essencialmente prática, não necessitando de fundamentação teórica que desse suporte. Assim, não havia distinção entre Educação Física e instrução física militar, e para ensinar o que importava era ser um ex-praticante, com uma prática destituída de embasamento teórico (DARIDO; SANCHES NETO, 2005).

Anos após as Grandes Guerras, houve uma expansão rigorosa do sistema educacional brasileiro, uma vez que o governo planejou usar as escolas públicas e particulares como fonte de propaganda do regime militar, retirando, por exemplo, a filosofia do currículo escolar como forma de alienar os estudantes das práticas políticas (DARIDO; SANCHES NETO, 2005).

Para Darido e Sanches Neto (2005), o sucesso da Seleção Brasileira de Futebol em duas Copas do Mundo (1958 e 1962) e a ascensão do esporte na sociedade levou à associação da Educação Física escolar com o Esporte, propriamente dito. Surge assim, o modelo esportivista, também conhecido como mecanicista, tradicional e tecnicista. Com o tricampeonato mundial de futebol em 1970, o esportivismo ganhou ainda mais projeção em toda a esfera política nacional, sendo um modelo muito reproduzido no contexto escolar.

De acordo com Soares et al. (1992), a influência do esporte no sistema escolar foi tão grande que se passou a ter não o esporte da escola, mas sim o esporte na escola. Isso indicava a subordinação da Educação Física aos sentidos da instituição esportiva, o caracterizando na escola como um prolongamento dessa instituição: esporte olímpico, sistema desportivo nacional e internacional. Esses sentidos podem ser resumidos em princípio de rendimento atlético/desportivo, competição, comparação de rendimento e recordes, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas etc. (SOARES et al., 1992).

Outras concepções do esporte podem ser observadas nos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade, os quais serviram para organizar novamente a Educação Física escolar. Esses princípios são destacados também no âmbito da pedagogia tecnicista muito

difundida no Brasil na década de 1970, nos quais os pressupostos dessa pedagogia originavam da concepção de neutralidade científica e reforçaram os princípios mencionados no âmbito mais geral do processo de trabalho escolar, fazendo-o objetivo e racional. Exemplo disso na Educação Física escolar é a divisão das turmas por sexo, respaldada inclusive pela legislação específica, o Decreto nº 69.450/71 (SOARES et al., 1992).

No basquetebol, essas características eram evidentes devido à própria lógica interna deste jogo, muitas vezes compreendido como sendo muito técnico e mecânico, que visava apenas o alto-rendimento e a produtividade. Para Rodrigues (2009) o basquetebol durante esse período era o segundo esporte mais praticado no Brasil, com a seleção masculina nacional sendo bi-campeã Mundial no qual o primeiro título conquistado em 1959, no Chile e o segundo conquistado em 1963, no Brasil.

Na década de 1980, a Educação Física escolar passa por uma série de transformações em suas bases epistemológicas, principalmente no que corresponde às perspectivas de pesquisas acadêmicas da área. Nesta época, estava acontecendo a redemocratização do país por meio das “Diretas Já” e vários aspectos influenciaram a Educação Física como a influência do sociólogo Karl Marx, havendo um relativo aumento de publicações diversificadas, baseadas por diferentes teorias políticas e ideológicas, bem como encontros e debates entre profissionais e acadêmicos de várias vertentes da Educação Física e a ida ao exterior de professores para cursar pós-graduações trazendo novas concepções para a área (DARIDO; SANCHES, 2005).

Nesta mesma época, aconteceu uma das vitórias mais reconhecidas do basquetebol masculino: nos Jogos Pan-americanos de Indianápolis (EUA) em 1987, os brasileiros venceram os norte-americanos na final, causando grande repercussão nacional por este grande feito, uma vez que a seleção norte-americana era majoritariamente favorita (RODRIGUES, 2009).

Assim, a partir de 1980, surgem novas abordagens na Educação física escolar, em oposição à vertente tecnicista, esportivista e biologista, inspiradas no novo momento histórico social do país, com o objetivo de romper com os modelos anteriores. Como exemplos, podemos citar a Crítico-superadora, Desenvolvimentista, Construtivista, Humanista, Fenomenológica, Psicomotricidade, Cultural, Saúde renovada, dentre outras (DARIDO; SANCHES NETO, 2005).

Entretanto, há diferenças nas concepções dessas abordagens, umas partindo de um referencial teórico mais crítico, outras pautada na área do comportamento motor, na

construção do conhecimento, em referenciais da psicologia e etc. Em algumas dessas abordagens, o conceito de cultura corporal está presente em diferentes denominações, como cultura corporal de movimento, cultura de movimento, cultura física, entre outras.

Para Soares et al. (1992, p. 50), a Educação Física tem características bem diferenciadas das tendências anteriores uma vez que eles a definem como uma “prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal”.

Para Betti (2009, p. 64), que usa a denominação cultura corporal de movimento, a Educação Física pode ser definida como uma disciplina que tem por objetivo proporcionar aos alunos a adaptação crítica, formando cidadãos que possam “usufruir, compartilhar, produzir e transformar as formas culturais do exercício da motricidade humana: jogo, esporte, ginásticas e práticas de aptidão física, dança e atividades rítmicas/ expressivas, lutas/ artes marciais, práticas alternativas”.

Cultura corporal de movimento também é a denominação utilizada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs/BRASIL, 1998, p. 26), que entendem a Educação Física como componente curricular, podendo ser compreendida como uma área que trata deste tipo de conhecimento e que tem como temas “o jogo, a ginástica, o esporte, as lutas, a dança, a capoeira e outras temáticas”.

Portanto, por meio da contextualização descrita anteriormente, é possível pensar em formas de ensinar o basquetebol na escola pautada na perspectiva da cultura corporal, utilizando metodologias diferentes da concepção esportivista.

#### **4.2. Basquetebol na escola**

O basquetebol surgiu na cidade de Springfield, no estado de Massachussets, nos Estados Unidos, em 1891. Foi criado pelo professor James Naismith como opção de atividade em ambiente fechado devido ao rigoroso inverno que fazia no local. O jogo se disseminou rapidamente pelo mundo, tornando-se hoje bastante divulgado e praticado (FERREIRA; GALATTI; PAES, 2005).

Esta modalidade esportiva se propagou de diversas maneiras, como o esporte amador, escolar, para pessoas com necessidades especiais e na iniciação esportiva. No caso dos iniciantes, o esporte profissional pode estimular a prática, servindo de forma lúdica para o entretenimento e para o incentivo, dependendo da intervenção do professor/treinador.

Segundo Ferreira et al. (2005), é comum que técnicos e professores preparem suas aulas de iniciação esportiva com o mesmo conteúdo aplicado aos profissionais; com isso, consequências negativas são acarretadas, pois provoca cobranças e pressões em busca de vitórias, especialização precoce em detrimento da experimentação motora e diversificação de estímulos cognitivos, afetivos e sociais, e *stress*, levando ao desinteresse pelo esporte.

Neste contexto, entendemos que o aluno/iniciante não precisa aprender apenas elementos específicos do basquetebol para jogar, como fundamentos de passe, arremesso, drible, e sim que vivencie e compreenda estes elementos por meio de jogos e brincadeiras. Isto se deve ao interesse que a criança tem em jogar, experimentando o jogo, se sociabilizando com outras crianças e desenvolvendo suas habilidades motoras que são muito importantes para o decorrer de seu desenvolvimento, desde que elas estejam atreladas à concepção de cultura corporal de movimento.

Scaglia e Reverdito (2009) enfatizam a importância dos jogos/brincadeiras na vida do aluno/iniciante como um fator determinante à capacidade de jogo, pois o aluno/iniciante não deve ser incentivado apenas a alcançar patamares almejados e espelhados no alto rendimento esportivo, e sim proporcionar a ele capacidade em solucionar problemas próprios e comuns ao ambiente do jogo, realizando de maneira eficiente as diversas situações.

É importante que o aluno seja o sujeito de um processo e leve em consideração a modalidade como um todo, participando sim dos aspectos técnicos, táticos, mas não deixar que isto seja o principal para seu aprendizado. A partir de Ferreira et al. (2005), o professor deve utilizar princípios pedagógicos que englobem todos os aspectos (valores, ideias, fundamentos técnicos), que se inter-relacionam, e que faça parte do processo ensino-aprendizagem, facilitando a compreensão do jogo por parte do aluno.

Mas, não podemos esquecer que um dos principais motivos pelo qual deveríamos nos preocupar em ensinar o basquetebol na escola diz respeito à cultura corporal em que é necessário para compreendê-lo como conteúdo de extrema importância a ser ensinado aos alunos.

Segundo Daólio (2004) as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural e expressam significados próprios em contextos específicos. No basquetebol isto não é diferente, uma vez que ele foi construído, é utilizado por muitos e continua sendo transformado pela sociedade (DAÓLIO, 2004).

Na mesma perspectiva, como já foi descrito anteriormente, é possível que o aluno, com a intervenção cuidadosa do professor, além de conhecer os fundamentos da modalidade,

possa aprender a conviver com a vitória/derrota e respeitar as regras. É fundamental conhecer também o basquetebol historicamente e perceber suas transformações ao longo do tempo.

De acordo com Coll et al. (2000) há uma reivindicação frequente de que na escola sejam ensinados e aprendidos outros conhecimentos considerados importantes além dos fatos e conceitos, como por exemplo, estratégias ou habilidades para resolver problemas, utilizar os conhecimentos disponíveis para enfrentar situações novas ou inesperadas, saber trabalhar em equipe, mostrar-se solidário com os colegas, respeitar e valorizar o trabalho dos outros, não discriminar as pessoas por motivos de gênero, idade, tamanho ou outro tipo de características individuais.

Atualmente, estes conhecimentos são dados como conteúdos, classificados por Zabala (1998) em dimensão conceitual (o que deve saber?), dimensão procedimental (como deve ser feito?) e dimensão atitudinal (como deve ser?).

Na Educação Física, em particular, priorizou-se ao longo da história os conhecimentos na dimensão procedimental, e não o saber sobre a cultura corporal ou como se relacionar nas manifestações dessa cultura, ou ainda os valores e atitudes relacionados a esta cultura (DARIDO; RANGEL, 2005).

No ensino do basquetebol a ênfase na dimensão procedimental é evidente. No entanto é possível aplicar a modalidade nas outras dimensões como é citado em Rodrigues (2009) que acentua o ensino do basquetebol na dimensão conceitual, na qual corresponde aos conhecimentos e informações que possibilitam ao praticante uma visão melhor sobre esta modalidade permitindo a compreensão dos motivos, objetivos e finalidades em praticá-lo, conhecimentos relativos ao condicionamento físico, à influência da mídia, às lesões e formas de preveni-las, ao histórico e evolução da modalidade, às regras, entre outros exemplos que possibilitem ao aluno saber sobre o basquetebol.

Já na dimensão atitudinal, pode ser trabalhado os padrões e regras de comportamento, princípios e ideias que permitam juízo de valor sobre condutas sociais. Assim, temas como o uso de anabolizantes, a exclusão dos menos habilidosos, o espaço reservado às mulheres, a modificação e/ou adequação às regras, a luta por espaços de prática são importantes na maneira como o aluno vai conceber e relacionar-se com e no esporte (RODRIGUES, 2009).

Portanto, a intenção neste estudo não é criticar e abominar o esporte nas escolas, mas sim possibilitar caminhos, por meio de um livro didático, para que os alunos aprendam mais sobre o basquetebol, podendo assim aprimorar seus conhecimentos e terem acesso a esta manifestação cultural.

#### **4. 3. Livro didático**

Livro didático, como o próprio nome diz, é um livro de caráter pedagógico, no qual se permeia a educação. Segundo Bittencourt (2004) o livro didático tem despertado interesse de muitos pesquisadores nas últimas décadas.

Depois de ter sido desconsiderado por escritores, educadores e intelectuais de vários setores, entendido como produção menor enquanto produto cultural, o livro didático começou a ser analisado sob várias perspectivas, destacando-se os aspectos educativos e seu papel na configuração da escola contemporânea. Neste sentido, foi considerado um objeto cultural contraditório gerador de intensas polêmicas e críticas de muitos setores, tendo sido, no entanto, considerado como um instrumento fundamental no processo de escolarização (BITTENCOURT, 2004).

Para Munakata (2000) trata-se de um livro que por inúmeras vezes é transportado de casa para escola e da escola para casa, sendo raramente lido completamente, da primeira à última página, envolvendo uma gama diversificada de práticas, fato que indica uma relação de uso e não somente de leitura.

Para este mesmo autor, o livro didático é um instrumento intimamente ligado ao processo de ensino-aprendizagem, ou seja, elaborado e produzido com a intenção de auxiliar nas necessidades de planejamento, intervenção e avaliação do professor, bem como de contribuir para as aprendizagens dos alunos. Outro aspecto importante na definição do termo livro didático diz respeito aos autores, para o quais o material será destinado. Nesse sentido, consideramos livro didático o conjunto dos manuscritos produzidos para o professor e para o aluno (DARIDO et al., 2010).

Galatti (2006) considera os livros didáticos como um gênero textual, considerando que é construído de forma sistematizada, por um autor tendo como alvo alunos e/ou professores, ou seja, há uma ação a partir do livro didático em um determinado contexto e uso. Assim, o livro didático não é um suporte, mas sim uma interposição de gêneros, característica que consideramos positiva, uma vez que ainda que os textos escolares, em sua maioria, se apresentem suportados na forma impressa como aponta Batista (2000), trazem diferentes gêneros ao longo de seus textos, proporcionando ao aluno conhecer e relacionar-se com os mesmos.

Batista (2000) ressalta que o modelo de livro didático que prevalece é aquele dirigido ao aluno, o que se evidencia na organização e na linguagem dos textos e impressos, no prefácio e apresentação dos livros, assim como nos exercícios, atividades e instruções.

Entretanto, o autor ressalta a dependência da mediação do professor, uma vez que é ele quem seleciona e indica a aquisição; também é ele quem organiza o trabalho de sala de aula, tendo como base o livro didático, de onde o professor “seleciona os conteúdos ou saberes, as atividades e formas de exercícios a serem desenvolvidas, a progressão que, à transmissão desses saberes, será atribuída” (BATISTA, 2000).

No entanto, no campo da Educação Física escolar esse assunto ainda é incipiente e pouco estudado. De acordo com Darido e Rodrigues (2011), a produção e estudo do livro didático no âmbito da Educação Física permanecem praticamente negligenciados. A ausência de estudos sobre o livro didático na Educação Física dificulta análises mais abrangentes quanto aos desdobramentos desse instrumento no ambiente escolar.

Alguns fatores contribuem para compreendermos essa negligência na Educação Física e são comuns aos enfrentados no campo amplo da educação, como a condenação total do livro didático em nome de uma vertente crítica. Outra razão refere-se ao fato de que historicamente a Educação Física esteve atrelada a uma tradição do saber fazer, da realização dos movimentos, da vivência e experimentação das brincadeiras, dos jogos e dos esportes, tais características tornaram difícil estruturar esse material, assim como conceber sua aceitação junto aos docentes e mesmo ao mercado editorial (RODRIGUES, 2009).

Outro fator que também contribuiu para as restrições ao livro didático na Educação Física foi o redirecionamento do pensar a respeito do objeto de estudo desse componente curricular na escola ocorrido a partir dos anos 1980, no mesmo período em que a produção de livro didático era intensamente criticada. Essas críticas podem ter afastado os docentes, ou boa parte deles, da construção e reflexão desses materiais (DARIDO et al., 2010).

Neste sentido, devido às mudanças no decorrer da história da Educação Física, desde a concepção higienista até as novas abordagens (Desenvolvimentista, Construtivista, Crítico-superador, Crítico-emancipatório, Cultural, Saúde Renovada, entre outros), foi colocado em questão como seria construído o livro didático para ser utilizado em aulas de Educação Física.

No entanto, faz-se necessário ocupar o papel da estruturação da aula de Educação Física tendo como tema o esporte inserido na esfera da cultura corporal. Desta forma torna-se importante haver livros didáticos que auxiliem os professores e alunos na construção do conhecimento durante a prática pedagógica.

Galatti (2006) ilustra a necessidade da implementação de livros didáticos, uma vez que, de acordo com a autora, muitos professores parecem estar sendo omissos ao processo de

aplicação destes materiais, ocasionando em aulas denominadas “rola bola”, sem objetivos maiores propostos por eles a serem alcançados.

Entretanto, segundo a autora, espera-se um livro didático proposto apenas para uma orientação, um ponto de referência para que os professores enriqueçam ainda mais suas aulas a partir das sugestões do livro e não que este seja um fim, um substituto do papel gerenciador do professor e não só o de mediador entre o livro e o aluno, especialmente porque o livro didático tende a refletir as ideias do autor e não da categoria professores de Educação Física (GALATTI, 2006).

Um dos únicos livros didáticos na área de Educação Física é de Teixeira (1983), cujo título é Trabalho Dirigido de Educação Física, sendo bastante difundido. É destinado ao Ensino Fundamental e apresenta exemplos de atividades distribuídas em diversos planos de aulas dos conteúdos de ginástica, jogos, esportes coletivos, etc. O livro foi disseminado entre os professores da Educação Básica, embora tivesse sido elaborado para os alunos. Apesar disso, não obteve a devida atenção do meio acadêmico (DARIDO et al., 2010).

Especificamente no caso do ensino do basquetebol, podemos destacar o livro cujo título é “Basquetebol – metodologia do ensino”, de autoria do professor Moacyr Daiuto (1971). Neste livro, além de citar o basquetebol com características esportivistas, também trata da modalidade de maneira educativa (DAIUTO, 1971).

De acordo com o autor, a prática racional do basquetebol, como atividade própria da Educação Física escolar objetiva criar e desenvolver uma série de fatores que, presentes em todos os movimentos, têm valores diversos como valores e atitudes, e capacidades físicas (DAIUTO, 1971). O autor ainda divide o material por períodos de aprendizagem, propondo um planejamento didático para o ensino dessa modalidade. Mesmo sendo um material antigo, possui grande importância histórica.

Com relação à organização curricular da Educação Física na escola, além da carência de livros didáticos, constata-se uma dificuldade de sistematizar esta disciplina, ocasionando problemas na estruturação dos currículos. Por isso algumas Secretarias Estaduais de Educação, baseadas na LDB (BRASIL, 1998) elaboraram propostas curriculares, muitas das quais abrangem conteúdo do basquetebol como Rio Grande do Sul (2009), São Paulo (2009), Minas Gerais (2008), Pernambuco (2008), entre outras.

Atualmente, compreendemos como principal objetivo da Educação Física integrar o aluno na esfera da cultura corporal, formando o cidadão capaz de conhecer, usufruir, refletir e transformar essa cultura (PCNs/BRASIL, 1998). Neste contexto, a construção e

implementação de livros didáticos deve estar atrelada a esta concepção, para que o processo de ensino-aprendizagem seja significativo.

Assim, para atingir estes objetivos é necessário abordar a modalidade do basquetebol, que é a modalidade em questão deste estudo, de forma ampla, utilizando o livro didático, a partir da compreensão do jogo. Deve ser considerado não só os aspectos ligados diretamente ao basquetebol como manifestação de capacidades físicas, técnicas e táticas, mas especialmente como um fenômeno com fortes possibilidades educacionais, favoráveis para discussão de princípios e valores, possibilitando ao professor uma intervenção no processo ensino-aprendizagem e que permita ao aluno ter um referencial teórico da modalidade com o qual possa interagir no decorrer das aulas (GALATTI, 2002).

Enquanto forma de proposição de livro didático para o ensino do basquetebol na escola, é possível destacar os estudos de Rodrigues (2009) e Galatti (2006), que construíram materiais abordando esta modalidade de maneira lúdica e atraente aos alunos, com imagens, textos curtos, caça-palavras, desenhos, atividades de relacionar, etc.

Rodrigues (2009) construiu um livro didático sobre o basquetebol, voltado aos alunos de 6º e 7º ano do ensino fundamental. O material foi dividido nos seguintes temas: “Basquetebol: compreendendo o jogo” no qual foram relatados o espaço, a dinâmica e as regras do jogo; “Basquetebol e suas transformações” que destaca conceitos sobre a história e suas transformações desse jogo; “Basquetebol: a dinâmica do jogo e os fundamentos básicos”, sendo abordado conteúdos relacionados aos fundamentos básicos do basquetebol, como controle do corpo, passe, arremesso, recepção, drible, entre outros, bem como o posicionamento dos jogadores em quadra; “Basquetebol e diversidade” tratando da questão da inclusão no basquetebol em cadeira de rodas e a questão de gênero na modalidade, enfatizando a presença das mulheres nessa modalidade (RODRIGUES, 2009).

Galatti (2006), por sua vez, também propôs um livro didático. No entanto este material teve como tema os Jogos Esportivos Coletivos de maneira geral, no qual o basquetebol estava inserido. Primeiramente a autora contextualizou historicamente o esporte, após a essa introdução, foi proposto os aspectos técnico-táticos das seguintes modalidades esportivas coletivas: futebol, basquetebol, voleibol e handebol. Especificamente na parte sobre o basquetebol, houve uma breve introdução sobre a modalidade, explicação sobre a dinâmica do jogo, sua história, regras e pontuação (GALATTI, 2006).

O currículo do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2009), também desenvolve o conteúdo do basquetebol inserido no caderno do aluno da 6ª série. Este material apresenta

uma breve introdução histórica sobre esta modalidade, propõe pesquisas, lições para casa, curiosidades, desafios, algumas regras do jogo e tópico para ampliação do conhecimento tratado no capítulo (SÃO PAULO, 2009).

A partir disso, podemos pensar em formas de concretizar parte desses materiais durante a prática pedagógica, ressaltando que o livro didático é um auxílio para o professor e não substitui o trabalho dele, e como afirma Darido et al. (2010), ele deve ser um instrumento a mais, o que ilustra a importância de haver variedades de materiais, facilitando a organização curricular do professor. Mas, para isso é necessário analisar a implementação desses materiais, avaliando suas potencialidades e limitações durante os processos de ensino-aprendizagem.

## 5. METODOLOGIA

### 5. 1. *Alunos*

A pesquisa foi realizada com uma turma de aproximadamente 30 alunos matriculados no sétimo ano do Ensino Fundamental II, com idades variando entre 11 e 12 anos, os quais estão inseridos em uma escola pública estadual da cidade de Rio Claro, SP. Destaca-se que na sala há alguns alunos repetentes, com idades acima da média da turma.

A sala era composta por 28 alunos. No entanto, no primeiro dia de intervenção, quando foi aplicado o instrumento avaliativo, apenas 25 alunos estavam presentes e, portanto, participaram deste processo.

Durante o processo de implementação das aulas houve uma variação no número de alunos presentes, fato corriqueiro em procedimentos relacionados ao ensino, o que não prejudicou o andamento da implementação da proposta.

Ao final do processo, houve uma redução no número de alunos que participaram da avaliação final. Dessa forma, dos 25 alunos que realizaram inicialmente o instrumento avaliativo, apenas 21 deles repetiram a avaliação. Essa redução se deve a ausência do aluno no momento da avaliação, transferência de turma, e até mesmo transferência de escola, fatos esses corriqueiros do ensino.

### 5. 2. *Compilação e implementação do livro didático*

O material foi compilado a partir dos pressupostos teóricos de Galatti (2006) e Rodrigues (2009) conjuntamente sob a ótica da aluna-pesquisadora no que diz respeito à faixa etária proposta (entre 12 e 14 anos, 7º ano do Ensino Fundamental – Ciclo II), aos conteúdos e as atividades, de maneira que estivesse compatível com a realidade dos alunos e também compatível com o que era de interesse para eles sobre o basquetebol. O material foi implementado nas aulas de Educação Física dessa escola durante quatro semanas, sendo ao todo oito aulas. Cada aula teve a duração de 50 minutos. Primeiramente, houve o contato com a direção da escola e a entrega da carta de apresentação do projeto. Após a permissão da direção da escola houve uma conversa com o professor responsável pelas aulas de Educação Física que também permitiu que o processo acontecesse. Posteriormente à conversa com o professor, foi entregue aos alunos da respectiva turma os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLEs), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências de Rio Claro (Protocolo nº 10042/Data registro CEP: 07/12/2011), os quais foram assinados

pelos pais e/ou responsáveis. Além disso, houve uma explicação detalhada de todos os procedimentos envolvidos no estudo.

### **5.3. Aplicação do instrumento avaliativo antes e depois da implementação das aulas**

A partir da análise dos conteúdos e atividades que foram propostos no livro didático implementado durante as aulas, foi construído um instrumento avaliativo (APÊNDICE – p.51) que serviu como meio de verificar o processo de ensino-aprendizagem. Para isso, o instrumento avaliativo foi constituído por 12 questões, sendo quatro dissertativas e oito de múltipla escolha, todas elas relativas aos conteúdos do basquetebol e abordando temáticas presentes no material compilado. Este instrumento avaliativo foi aplicado antes do processo de implementação acontecer e após o término desse processo, sendo realizado em sala nas aulas de Educação Física, com duração de aproximadamente 15 minutos.

Para cada questão atribuiu-se valores representativos de notas, tendo a soma total do instrumento um valor de dez pontos. Cada aluno respondeu este instrumento em dois momentos (pré e pós a aplicação do material). Foram comparadas as notas obtidas pelos alunos nesses dois momentos, fato que possibilitou mensurar a evolução ou não do aprendizado deles acerca dos conteúdos do material.

### **5.4. Análise dos livros didáticos**

Após a implementação das aulas e do livro, os materiais foram analisados de maneira a averiguar os conteúdos assimilados, a partir das atividades propostas. Sendo assim, computou-se a frequência das atividades respondidas ou não pelos alunos. Além disso, as atividades foram corrigidas de maneira a averiguar os erros e acertos conceituais dos conteúdos propostos, durante o processo.

### **5.5. Grupo focal**

Para Gatti (2005, p. 9) o grupo focal é uma técnica responsável por permitir “fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar”.

Dessa forma, após a aplicação e a análise dos livros, foi selecionada de maneira aleatória uma amostra de 5 alunos, que participaram de um grupo focal (APÊNDICE – p.55) para um diálogo com o pesquisador sobre as opiniões e considerações deles acerca do

processo de implementação dos livros durante as aulas, bem como seus apontamentos com relação às eventuais críticas e sugestões, averiguando ainda os conteúdos apreendidos ou não por eles.

### **5. 6. *Análise dos resultados***

Triviños (1987) propõe que os resultados, para que tenham valor científico, devem reunir certas condições, dentre elas a coerência, a consistência, a originalidade e a objetivação. Além disso, o conhecimento do pesquisador sobre os aspectos fundamentais do problema que está sendo estudado também deve ser avaliado a cada instante da pesquisa, aprofundando-se nas informações.

Dessa maneira foi realizada uma análise de conteúdo (BARDIN, 1991), um instrumento metodológico com o potencial de aplicação a discursos diversos e que visa compreender estruturas e modelos submersos nos fragmentos de mensagem, codificando-as, classificando-as e categorizando-as. Sendo assim, a partir da análise referente às respostas oriundas dos materiais, do grupo focal e dos questionários aplicados antes e após o processo houve a categorização temática relacionada à análise de conteúdo, cruzando as informações sobre cada uma das formas de análise dos dados, visando ampliar as formas de compreensão do fenômeno investigado, ou seja, a aprendizagem dos alunos por meio da implementação do livro didático sobre o basquetebol na escola.

Foi realizada ainda uma análise descritiva dos dados investigados, por meio da computação de porcentagens, com a finalidade de sistematizar e distribuir as informações obtidas inseridas nas categorias temáticas estipuladas.

## **6. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para a apresentação dos resultados e melhor visibilidade das discussões, essa seção foi dividida em alguns eixos: Descrição do processo, análise do instrumento avaliativo, análise do material e grupo focal. Cada tópico será apresentado a seguir.

### **6.1. Descrição do processo**

Primeiramente, houve o contato com a escola a qual escolhemos para fazer parte do projeto levando uma declaração impressa explicando o objetivo do projeto com a assinatura da orientadora/responsável pela pesquisa. Posteriormente, ocorreram conversas com o professor responsável pela turma, na qual o projeto foi implementado.

Após o aceite da escola e a autorização do professor responsável foi entregue aos alunos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências de Rio Claro (Protocolo nº 10042/Data registro CEP: 07/12/2011), para que os pais e/ou responsáveis autorizassem sua participação na pesquisa.

Para que isso fosse feito, houve explicação sobre o projeto para os alunos, e neste momento foi o primeiro contato da pesquisadora com a turma. Quando todos os termos retornaram teve início a aplicação do instrumento avaliativo, que ocorreu antes da primeira aula.

Após a primeira aplicação do instrumento avaliativo, na semana seguinte iniciaram-se as aulas. Foram quatro semanas, com aulas duplas, totalizando um mês, tendo duração, cada aula, de 50 minutos. Cada aula abordou uma determinada temática que compunha o material, explicada de forma mais específica a seguir.

Essas aulas foram implementadas com o livro didático. Este livro foi elaborado a partir dos pressupostos teóricos dos autores Rodrigues (2009) e Galatti (2006), os quais realizaram propostas de aplicação de materiais didáticos com conteúdos do basquetebol.

A compilação do material foi feita de maneira comparativa entre os dois estudos, anteriormente citados, de acordo com os conteúdos considerados importantes para serem trabalhados com a faixa etária correspondente. Os conteúdos foram inseridos, na ordem, “Conhecendo o basquetebol”, “Regras do basquetebol”, “História do basquetebol” e “Basquetebol: a dinâmica do jogo e os fundamentos básicos”. Todos esses conteúdos estavam contidos nos dois estudos.

No livro compilado, o primeiro conteúdo foi proposto por meio de questões dissertativas, perguntando a descrição do basquetebol, alguns ídolos brasileiros, os movimentos mais utilizados; questão de identificar figuras com locais para a prática da modalidade, e atividade para enumerar as linhas da quadra de acordo com a descrição textual. Ao final do capítulo, houve informações como a definição de basquetebol de acordo com a Federação Internacional de Basquetebol (FIBA) e a descrição do espaço utilizado para a prática, ou seja, a quadra oficial da modalidade, com medidas e sua constituição quanto às linhas.

O segundo conteúdo foi sobre a história do basquetebol, abordado por meio de um texto com figuras, relatando o seu surgimento, quem o criou, curiosidades e como era a modalidade assim que surgiu.

No terceiro conteúdo, representado pelas regras, havia um texto logo no início, com algumas regras de acordo com a FIBA. Em seguida, um texto de cunho mais didático, para conhecer ainda mais sobre o assunto, e após a leitura, realizarem um *Quiz*. Dentre essas informações, o drible é um fundamento que está presente nas regras, e para isso, foi colocado um texto com perguntas em seguida, sobre sua função e estratégia para não realizá-lo de maneira excessiva.

No último conteúdo, “Basquetebol: a dinâmica do jogo e os fundamentos básicos”, várias atividades foram propostas. A primeira delas era identificar as figuras com os fundamentos básicos, colocando o nome correspondente ao lado; a segunda era um caça-palavras que teve como objetivo encontrar os fundamentos relatados na primeira atividade. Posteriormente, havia uma atividade que discutia o posicionamento dos jogadores, contendo uma quadra, com círculos dispostos sobre elas, objetivando que os alunos a preenchessem de acordo com a posição correspondente. Contudo, para essa atividade ser realizada, houve orientação e explicação sobre a função de cada jogador em quadra.

As aulas foram implementadas da seguinte forma: na primeira aula (primeira semana), foi abordado o conteúdo “Conhecendo o basquetebol”, os alunos tiveram uma participação bastante ativa no momento em que os aspectos teóricos foram ensinados, com a ajuda do livro didático. Abordou-se temas como o que significa basquetebol, como é realizado, quem são os jogadores mais conhecidos, como se dispõem as linhas na quadra identificando a área da modalidade, permitindo que os alunos colocassem, assim, suas opiniões e conhecimentos acerca da modalidade até àquele presente momento, a partir da perspectiva de suas histórias de vida.

A segunda parte da mesma aula foi realizada na quadra poliesportiva da escola. Neste ambiente as atividades propostas foram andar, correr de frente e de costas, correr lateralmente, e a variação ocorria sob o meu comando. Outra atividade realizada foi riscar de giz as linhas tanto do basquetebol, quanto dos outros esportes para identificarem a diferença entre eles, em uma quadra poliesportiva. Ao final da aula, em círculo, os alunos expressaram suas dúvidas acerca do basquetebol, tendo sido proposto a eles questionamentos sobre a participação feminina na modalidade.

As respostas foram variadas, mas a maioria, principalmente os meninos, afirmou ser contra as mulheres jogarem basquetebol. Assim, foi levado até eles a história da participação feminina na modalidade e as jogadoras brasileiras que se sobressaíram no esporte, conhecido mundialmente.

Na segunda aula (segunda semana), o conteúdo ensinado foi a “História do basquetebol”, o qual os alunos não tiveram uma participação ativa em sala de aula, mas prestaram atenção, questionando alguns pontos que continham no livro didático, podendo ser citado como exemplos, as regras de antigamente e como era o cesto. A atividade realizada com eles, logo após o uso do livro didático, foi o jogo da memória do basquetebol, o qual continha algumas curiosidades, informações passadas da modalidade e algumas características da mesma.

Em seguida, os alunos vivenciaram o jogo da forma que era jogado no início de sua criação. Para isso, o principal aspecto a ser considerado foram as regras do jogo, as quais eram significativamente diferentes das atuais, como qualquer cesta valia um ponto, o número de jogadores permitido era de três a quarenta, os jogadores não podiam correr com a bola, nem mesmo driblando, não era permitido contato físico, sob pena de punição, cada três faltas recebidas a equipe adversária ganhava um ponto, e caso a bola saísse, o primeiro jogador que a recuperava tinha sua posse. Todas essas informações foram discutidas e vivenciadas com os alunos.

Na terceira aula (terceira semana), o conteúdo foi “Regras do basquetebol”, tendo a participação de um terço da sala, não de todos, nos questionamentos e curiosidades sobre o assunto em pauta. Os outros alunos ficavam distraídos, sem fazer nada. A atividade feita com a turma foi um *quiz*, apresentando as regras de forma interativa e lúdica. Os alunos responderam uma série de questões sobre algumas regras fundamentais do basquetebol, e tiveram como auxílio, um texto apresentado no livro didático (“Conhecendo as regras do

basquetebol”), com pequenas explicações sobre as regras que eram questionadas nas perguntas.

Posteriormente, ainda seguindo o material, os alunos leram e discutiram sobre a importância e os exageros do drible, e como atividade, um jogo de passes com finalização em um alvo que foi um cone. Para chegar até esse alvo os alunos vivenciaram formas de troca de passes, sendo que eles deveriam se deslocar em direção ao cone e tentar derrubá-lo arremessando a bola. Ao longo do jogo incluiu-se a possibilidade de alguns dribles. No final da atividade, houve discussão com a turma sobre as atividades realizadas, quais foram as dificuldades e facilidades, o que mudou com a inserção do drible no jogo proposto.

Na quarta aula (quarta semana), logo após o recesso escolar, foi desenvolvido com os alunos o conteúdo “Basquetebol: a dinâmica do jogo e os fundamentos básicos”, o qual teve uma participação mais ativa da turma, principalmente na parte prática, realizada na quadra.

As atividades propostas, com os fundamentos e o posicionamento dos jogadores em quadra, foram um circuito, divididos em quatro setores, sendo o primeiro com arremesso, o segundo com drible, o terceiro com controle de bola, o quarto com controle do corpo, e a experimentando as posições. Dividiram-se várias equipes com cinco jogadores, decidiram as posições de armador, laterais e pivôs entre os integrantes do grupo e se dispuseram na meia quadra para jogarem. Ao final, foi realizada uma discussão sobre a importância do posicionamento dos jogadores em quadra, o porquê que os pivôs são altos e o armador costuma ser rápido.

A primeira parte da aula era constituída pelos aspectos teóricos de cada conteúdo, abordados no livro didático. Esse momento era realizado, em sua maioria, dentro da sala de aula, pelo fato dos alunos não se atentarem ao uso do material quando estão em quadra. Para eles, na quadra só existem jogos (modalidades esportivas, como o futebol) e brincadeiras em geral.

A segunda parte da aula foi composta pela realização da prática, de acordo com os conteúdos teóricos abordados, para que os alunos pudessem conhecer e vivenciar o que eles tinham visto na sala de aula. Essas vivências foram realizadas na sala de aula ou na quadra poliesportiva da escola.

O planejamento foi feito para que as aulas fossem ministradas no mês de junho de 2012, mas devido à ausência do professor responsável na escola durante algumas semanas por motivos importantes e ao recesso escolar, não foi possível terminar o planejamento no tempo previamente estipulado.

Na volta do recesso escolar, foi implementado o último conteúdo que faltava do material, que foi “Basquetebol: a dinâmica do jogo e os fundamentos básicos”, e na semana seguinte, houve uma revisão, sendo retomados os conteúdos abordados anteriormente. Após essa revisão, foi aplicado novamente o instrumento avaliativo logo após as aulas e em seguida, de maneira aleatória, foram escolhidos cinco alunos para participarem do grupo focal.

O roteiro do grupo focal foi composto por dez perguntas e foi realizado de modo que um aluno pudesse responder de cada vez, sendo os cinco alunos presentes no mesmo local. Como os alunos estavam sendo muito sucintos nas respostas, foi necessário instigá-los a falarem mais sobre o que aprenderam e o que foi significativo a eles.

Apesar das dificuldades, como a resistência por parte de alguns alunos em não participarem das aulas, problemas vivenciados pelo professor responsável devido à indisciplina e falta de respeito com ele e a dificuldade de ler e escrever apresentada pelos alunos, houve um crescimento muito expressivo, não apenas sob meu olhar enquanto futura educadora, mas por parte dos alunos, tanto na parte conceitual e atitudinal, quanto na parte procedimental.

O livro didático compilado não continha as atividades práticas descritas. Houve um planejamento das aulas, de acordo com os conteúdos abordados, trazendo para a realidade dos alunos assuntos que despertavam a curiosidade deles, atividades que prenderiam sua atenção e atividades vivenciadas durante experiências anteriores, por parte da pesquisadora enquanto atleta dessa modalidade.

Dessa forma, constatou-se que o material serviu como apoio durante a implementação das aulas que, por sua vez, não se restringiram apenas na abordagem do livro. Ou seja, o material foi um auxílio, objeto de apoio e reflexão utilizado de modo a enriquecer o programa de basquetebol planejado, não sendo considerado como uma “bíblia” ou “muleta”, a qual é preciso seguir ao pé da letra, conforme apontam alguns críticos.

Como afirma Darido et al. (2010), o livro didático deve ser um instrumento a mais, o que ilustra a importância de haver variedades de materiais, facilitando a organização curricular do professor, bem como contribuindo para com a aprendizagem dos alunos.

## **6.2. Análise do instrumento avaliativo (IA)**

As notas foram atribuídas de acordo com o instrumento avaliativo elaborado, com o valor quantitativo em uma escala que variou de 0 a 10 pontos.

Esse instrumento compilado com conteúdos referentes ao basquetebol apresentou os seguintes resultados, antes e após a implementação das aulas.

**Tabela 1.** Notas com a média referentes ao instrumento avaliativo antes e após as aulas.

| <b>Alunos</b> | <b>IA 1</b> | <b>IA 2</b> |
|---------------|-------------|-------------|
| 1             | 5           | 6,65        |
| 2             | 5,25        | 5,65        |
| 3             | 2,1         | 6,95        |
| 4             | 2,6         | 8,3         |
| 5             | 5,25        | 7           |
| 6             | 6           | 8,5         |
| 7             | 5,65        | 8,05        |
| 8             | 3,2         | 5,45        |
| 9             | 4,3         | 7,65        |
| 10            | 3,4         | 9,75        |
| 11            | 2,05        | 4,85        |
| 12            | 5,5         | 6,15        |
| 13            | 4,15        | 9,75        |
| 14            | 5,75        | 8,15        |
| 15            | 3,05        | 6,3         |
| 16            | 4,5         | 5,15        |
| 17            | 4,9         | 5,55        |
| 18            | 4,7         | 6,1         |
| 19            | 2,9         | 3,25        |
| 20            | 7,6         | 10          |
| 21            | 5,5         | 7,75        |
| <b>Média</b>  | <b>4,45</b> | <b>7,00</b> |

A média dos vinte e um alunos, na primeira aplicação do IA, antes da implementação das aulas juntamente com o livro didático foi no total de 4,45 pontos. Já na segunda aplicação, feita após a implementação das mesmas, teve um aumento de 2,55 pontos, resultando na média de 7,00 pontos.

Inicialmente havia a predição que os alunos pudessem atingir resultados melhores, pois o conteúdo basquetebol está presente no Currículo do Estado de São Paulo e é tradicionalmente aceito no contexto escolar por ser uma das quatro modalidades esportivas mais difundidas no país.

Entretanto os resultados demonstraram o contrário. Os alunos não demonstraram ter, por meio do IA, embasamento teórico suficiente sobre os conhecimentos inseridos nele e isso

fez com que o resultado fosse obtido em uma pontuação inicial baixa (abaixo dos 5 pontos que é a média utilizada pela escola).

Apesar dessa constatação, esse instrumento pré-aplicado teve significância, pois houve a compreensão da realidade dos alunos, a partir do que eles conheciam e isso fez com que fosse possível uma intervenção mais significativa quando foram implementadas as aulas com o livro didático.

Na aplicação do IA após as aulas, os alunos tiveram uma melhora, destacando os alunos 3, 4, 10 e 13. O aluno 3 teve sua nota inicial de 2,1 e após atingiu a 6,95 pontos. Já o 4 teve uma diferença maior da sua primeira nota com a segunda. De 2,6 foi para a pontuação 8,3. O aluno 10 foi o que mais chamou a atenção. Em sua primeira prova, a pontuação que obteve foi muito baixa (3,4).

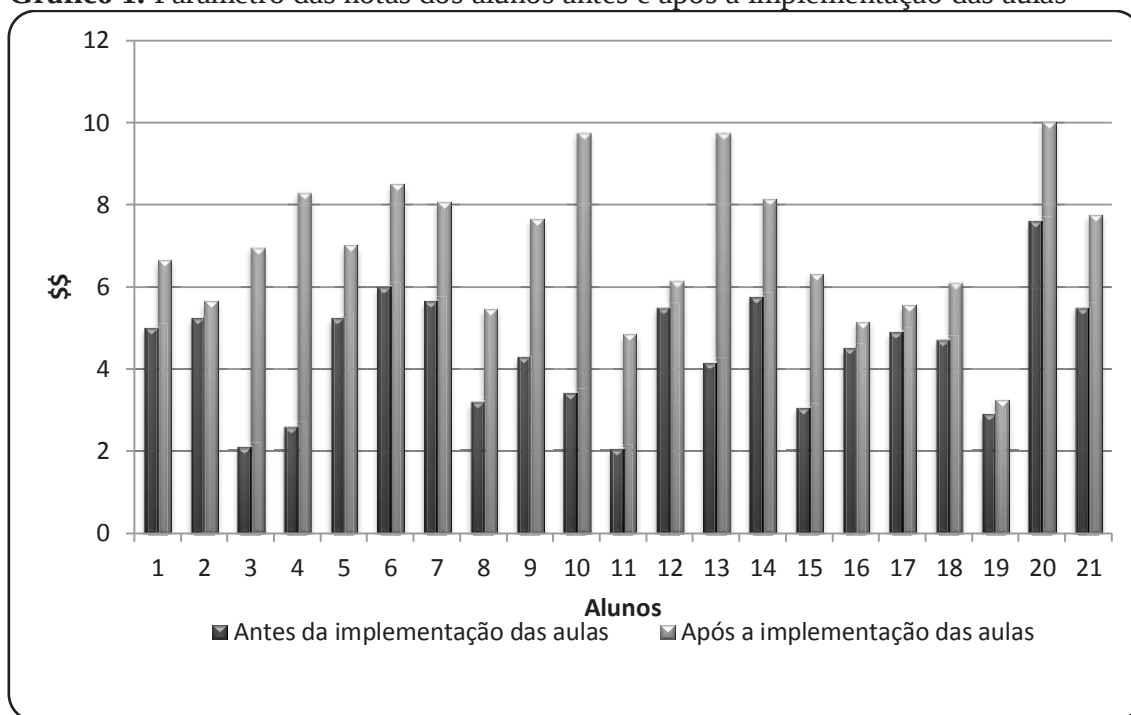
Esse aluno demonstrou insatisfação e indisciplina na execução inicial do IA. Quando as aulas iniciaram com o uso do livro didático, ele participou das atividades, questionou algumas informações e se manteve sempre atento às explicações. O resultado desse aluno no IA após as aulas foi um aumento de 6,35 pontos, totalizando 9,75 pontos.

O aluno 13 obteve no IA inicial 4,15 pontos. Ele se constitui como bom aluno e participa das atividades propostas pelo professor, mas ele tem dificuldades com a prática. Sua pontuação no IA pós-aulas foi de 9,75.

Os alunos não obtiveram um desempenho abaixo do que tinham adquirido no IA inicial. Todos conseguiram aumentar suas notas, quatro alunos de maneira discrepante e os demais um pouco menos, alguns mantendo próximos às notas iniciais e outros conseguindo se destacar, de modo a perceber um interesse na aprendizagem e na participação das atividades propostas durante as aulas.

O Gráfico 1 refere-se ao parâmetro das notas do IA dos vinte e um alunos antes e após às aulas serem ministradas. É visível o aumento das notas no IA após, em comparação à primeira aplicação.

Embora tenha havido um aumento nas notas de todos os alunos, com esses valores não é possível garantir que os alunos aprenderam os conteúdos completamente, pois eles podem ter memorizado as informações durante a revisão das aulas, e na hora da aplicação do IA, lembraram das respostas, não necessariamente havendo retenção posterior desses conceitos. Mas houve indícios, pois de 4,45 pontos subiu para 7,00 pontos. Pode ocorrer também, com o passar do tempo, o retorno na escola e a aplicação do IA novamente, avaliando-se esses alunos não obtenham o mesmo desempenho.

**Gráfico 1.** Parâmetro das notas dos alunos antes e após a implementação das aulas

Todavia, essas são apenas algumas suposições. Os alunos podem, de fato, ter aprendido os conteúdos do basquetebol (ou pelo menos parte deles) por meio da implementação das aulas com o auxílio do livro didático e das atividades práticas proporcionadas a eles de forma dinâmica, interativa e participativa. Atividades no livro como caça palavras, preencher espaços de acordo com figuras, desenhos que identificam a história, vivências do jogo contendo os fundamentos básicos, são exemplos que ajudam os alunos a entenderem melhor os conteúdos de forma mais divertida.

Avaliar é bastante complexo, porém é um processo absolutamente necessário no processo educacional (DARIDO, 2005). Segundo Darsie (1996) avaliar é uma atividade intrínseca e indissociável a qualquer tipo de ação que vise provocar mudanças. Nesse sentido, avaliação é uma atividade constituinte da ação educativa, seja na avaliação do projeto educativo, avaliação do ensino ou à avaliação da aprendizagem (DARSIE, 1996).

A avaliação da aprendizagem escolar se faz presente na vida de todos que, de alguma forma, estão comprometidos com atos e práticas educativas (LUCKESI, 2000). Luckesi (2002) expõe que avaliar é o ato de diagnosticar uma experiência, tendo em vista reorientá-la para produzir o melhor resultado possível; por isso, não é classificatória e nem seletiva; ao contrário, é diagnóstica e inclusiva.

No entanto, o instrumento avaliativo empregado neste trabalho não teve como objetivo apenas os resultados quantitativos, mas esses resultados foram importantes para compreender

as possibilidades que têm a utilização do livro didático nas aulas de Educação Física, pois estes materiais são instrumentos auxiliares do processo de ensino-aprendizagem que deveriam passar pelas fases do trabalho docente: planejamento, implementação e avaliação da prática pedagógica.

A utilização do livro didático proporcionou um aporte tanto para a utilização no que corresponde à dimensão mais conceitual – ou teórica – quanto à dimensão atitudinal e procedimental – ou dimensão mais voltada para a vivência das práticas – ou seja, propiciou um auxílio bastante importante à prática pedagógica.

### **6.3. Análise do livro didático**

A análise do material foi feita a partir das perguntas contidas nele. Dessa forma, foi analisado pergunta a pergunta as respostas de todos os vinte e um alunos que participaram integralmente de todo o processo. Para a análise, foram computadas as porcentagens de respostas, ilustradas a seguir.

O conteúdo “Conhecendo o basquetebol” continha cinco exercícios, sendo quatro questões dissertativas e uma de preencher com números. Na pergunta 1, foi indagado sobre o que é o basquetebol. Do total de alunos, 76,2% responderam a essa questão, no entanto, ao se analisar o conteúdo das respostas, apenas 62,5% estavam plenamente corretas, o que sugere que talvez os alunos não compreenderam a pergunta da forma como ela foi apresentada.

Na pergunta 2, questionou-se sobre quais eram os movimentos mais utilizados no basquetebol. Apenas 66,66% responderam a essa questão, enquanto que 33,34% não a responderam. As respostas corretas foram apresentadas por todos os alunos (100%). Na terceira pergunta que consistia na identificação dos três ídolos brasileiros do basquete (Oscar Schmidt, Paula e Hortência,) 85,71% dos alunos preencheram essa questão, sendo que destes, todos escreveram de maneira correta. A quarta questão, que era composta por figuras correspondentes aos locais da prática do basquetebol e pedia para colocar o nome do local, o número se repetiu ao anterior, somente 85,71% obtiveram resposta, todas corretas. O que se percebeu foi que os mesmos alunos deixaram de responder essas duas questões, provavelmente por falta de atenção e/ou por indisciplina, pois foram discutidas todas elas em aula.

Na pergunta 5, última deste conteúdo, foi questionado sobre a quadra do basquetebol, se referindo às linhas que a compõe. De acordo com os números identificados na figura da quadra contida no material, os alunos teriam que preencher o espaço ao lado da caracterização

das mesmas. De vinte e um alunos, apenas dezoito responderam o que foi proposto, totalizando 85,71% dos alunos. Aproximadamente 94,44% compreenderam o que era para ser feito e realizaram a atividade corretamente, sendo observado que os alunos que não preencheram corretamente deduziram que era para colocar “x” e não enumerar.

O segundo conteúdo, “A história do basquetebol”, foi apenas leitura e participação dos alunos na atividade do jogo da memória. No terceiro conteúdo que correspondia às “Regras”, houve perguntas sobre o drible, que é um dos fundamentos que as regras exigem. Foram duas perguntas, correspondentes ao texto sobre drible, sendo respondidas, de maneira correta, por todos os alunos (100%). Isso significa que os alunos compreenderam as perguntas da forma como elas foram apresentadas e que muitos aproveitaram para preenchê-la durante a explicação realizada.

No quarto conteúdo, “Basquetebol: a dinâmica do jogo e os fundamentos básicos”, as atividades foram as seguintes: a primeira, referindo-se à colocação do nome do fundamento ao lado da figura correspondente, somente 71,43% fizeram a atividade, colocando os fundamentos nas suas respectivas figuras, sendo que destes, todos escreveram de maneira correta. Os demais 28,57% da sala não realizaram a questão, demonstrando a não compreensão do que era para ser feito, e/ou a resistência em não fazer para de alguma forma lesar o que a professora havia solicitado, e/ou ausência do aluno naquele dia na escola.

A segunda atividade desse conteúdo foi um caça-palavras, em que os alunos teriam que encontrar oito fundamentos básicos. A mesma quantidade citada anteriormente realizaram a atividade (71,43%), e todos os alunos (100%) acharam corretamente os oito fundamentos contidos no caça-palavras. O restante da sala (28,57%) não fizeram pelos mesmos motivos supracitados.

Finalizando o último conteúdo, a questão solicitada foi constituída em nomear as posições dos jogadores na quadra do basquetebol, tendo resposta de 71,43% da turma. Ao se analisar o conteúdo das respostas, apenas 57,14% estavam devidamente corretas, o que mostra que talvez houve falta de atenção dos alunos e/ou a não compreensão da questão como ela foi apresentada e/ou ao processo de ensino não ter sido eficiente, necessitando de um investimento em outras estratégias de ensino.

Desse modo, mesmo havendo a participação da professora responsável pela implementação das aulas na elaboração das respostas para as questões, menos da metade da turma preencheram o material de forma parcimoniosa. Ou seja, aproximadamente metade dos alunos não tiveram atenção, demonstraram indisciplina e/ou faltaram às aulas (uma ou mais

aulas), resultando em uma participação menor e dificuldade em compreender o que era para ser feito no material compilado.

#### **6.4. Grupo focal**

O grupo focal foi realizado a partir da seleção aleatória de cinco alunos, os quais todos participaram de todo o processo de implementação do material e das aulas. O encontro ocorreu logo após a segunda aplicação do IA. Os alunos foram caracterizados com a seguinte nomenclatura: participante 1, participante 2, participante 3, participante 4 e participante 5.

Para melhor discussão e análise dos dados, os discursos oriundos do grupo focal foram alocados em duas diferentes categorias temáticas: “Material”, que abordou especificamente as questões relacionadas ao livro didático e “Conteúdo” constituído pelas questões ligadas às dimensões dos conteúdos, a prática pedagógica e o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Cada categoria será descrita separadamente a seguir.

##### **6.4.1. Material**

De maneira geral, os alunos apontaram que o material foi interessante, tendo facilitado a visualização deles com relação às aulas, permitindo ainda manipulá-lo e analisá-lo seguindo os procedimentos didáticos realizados pela professora.

O participante 1, por exemplo, ressaltou que o material teve a ver com as aulas ministradas, relacionando com os conteúdos desenvolvidos. Para ele:

*“O material ajudou na prática dos movimentos e na coletividade”* (PARTICIPANTE 1).

Isso pode ser percebido pelas ilustrações contidas no material, nas atividades práticas e no interesse deles pelas vivências do jogo. O mesmo aluno afirmou ainda:

*“A utilização de livro na aula de educação física é importante e mais fácil, porque aprende mais”* (PARTICIPANTE 1).

O participante 2, partiu dos mesmos pressupostos, relatando que o material ajudou na prática dos movimentos e facilitou a compreensão da modalidade. O mesmo aluno:

*“O livro teve a ver com as aulas de educação física na prática esportiva e na questão da coletividade, as mulheres jogando...”* (PARTICIPANTE 2).

O participante 3 já enfatizou que o material ajudou na compreensão da história do basquetebol, que faz parte da dimensão conceitual.

Todos os participantes avaliaram o livro didático compilado, numa escala de 0-10 pontos. As notas foram dadas por eles, de acordo com o que eles acharam sobre o material. Os participantes 1 e 4 deram nota 9 ao material, já o participante 2 avaliou em 8 pontos. Os participantes 3 e 5 avaliaram o material atribuindo 9,5 pontos. A média final das avaliações discentes foi de 9 pontos. Isso demonstra que os alunos gostaram do livro didático compilado e este contribuiu se não de forma significativa para a compreensão e conhecimento dos conteúdos do basquetebol – uma vez que não foi possível mensurar a aprendizagem por meio do grupo focal – ao menos foi um material atrativo e que correspondeu aos gostos e interesses dos alunos, fato comprovado por sua avaliação positiva mediante o crivo dos alunos.

O ensino do basquetebol na dimensão conceitual corresponde aos conhecimentos e informações que possibilitam ao praticante uma visão melhor sobre esta modalidade permitindo a compreensão dos motivos, objetivos e finalidades em praticá-lo, conhecimentos relativos ao condicionamento físico, à influência da mídia, ao histórico e evolução da modalidade, às regras, entre outros exemplos que possibilitem ao aluno saber sobre o basquetebol (RODRIGUES, 2009).

No relato do participante 4, o que apareceu de diferente foi:

*“A utilização dos livros nas aulas de educação física é importante por ter um monte de coisa legal para aprender”* (PARTICIPANTE 4).

Para o participante 5, o material o auxiliou no conhecimento da prática (dimensão procedimental), no conhecimento dos ídolos brasileiros da modalidade e na história, ambos contidos na dimensão conceitual. Para ele o livro foi importante devido ao desconhecimento do basquetebol, enquanto esporte conhecido mundialmente.

Contudo, Galatti (2002) cita que ao abordarmos o basquetebol educacional, não podemos nos prender apenas a estímulos cinestésicos, ao contrário, devemos proporcionar à criança o máximo de estímulos possíveis, das mais variadas procedências, como um material didático-pedagógico escrito. Ou seja, o livro didático pode contribuir com a variabilidade e aumento de informações aos alunos, ilustrando e apresentando conceitos que busquem facilitar a aprendizagem dos alunos.

Seu uso irrestrito, por outro lado, pode provocar uma exacerbada ênfase apenas ao que está contido em seu conteúdo, restringindo as possibilidades de outras vivências ao longo da prática pedagógica, crítica endossada por Darido et al. (2010) ao abordar especificamente o componente curricular Educação Física e Zabala (1998), discutindo a utilização de livros didáticos na área da educação de maneira geral.

Para Rodrigues (2009) a preocupação dos críticos do livro didático é com a utilização desses materiais como referencial único a ser seguido, nos quais as atividades sejam adotadas e implementadas sem uma análise minuciosa dos conteúdos, não havendo adequação às características da turma, nem mesmo aos objetivos do professor e da escola.

O material compilado e utilizado pelos alunos ao longo das aulas não pareceu apresentar uma padronização dos estímulos, algo a aproximar o processo de aprendizagem dos esportes à metodologia usualmente em vigor nas escolas, a partir de uma perspectiva tradicional. Por outro lado, esse material representou mais um elemento que possibilitou novos estímulos, não apenas verbais-linguísticos, mas a partir destes explorar outras formas de inteligências e possibilidades (GALATTI, 2002).

Tal qual aponta Rodrigues (2009, p. 16) a elaboração de livros didáticos na área da Educação Física deve contemplar “exemplos de vivências e práticas, em que o professor disponha de vasto repertório de atividades para o ensino do esporte e é um trabalho a ser experimentado, já que não possuímos referências que amparem a construção de um material com essas características”.

Rufino et al. (2012, p. 663) consideram que o livro didático nas aulas de Educação Física “deve envolver o aluno promovendo debates, levando-o a refletir (...), além de permitir a busca para a complementação do seu conhecimento como dicas de vídeos, filmes, sites, imagens e músicas”, que podem ser consideradas como estratégias pedagógicas presentes no universo da criança e do adolescente da atualidade.

De acordo com os apontamentos apresentados no discurso dos alunos participantes do grupo focal, bem como da literatura relacionada, o livro didático é, antes de tudo, um objeto de manipulação e experimentação dos alunos, permitindo a eles visualizarem aspectos didático-pedagógicos dos conteúdos, apresentando uma diversidade de estímulos e abrangência de variadas formas de se compreender as dimensões dos conteúdos ao longo das aulas de Educação Física.

#### 6.4.2. Conteúdo

Os alunos participantes enfatizaram ao longo de seus discursos dois conteúdos do basquetebol que mais enriqueceu seus conhecimentos na utilização do livro didático: a história e os fundamentos básicos (dimensão conceitual e dimensão procedimental).

O participante 1 ressaltou que o conteúdo que mais aprendeu foram os fundamentos e posicionamento dos jogadores. Para ele:

*“O que eu mais aprendi foi jogar, como tem que jogar. Ficar nas linhas certas, nos lugares certos”* (PARTICIPANTE 1).

Para ele foi muito significativo a abordagem desse conteúdo no livro compilado, pois demonstrou interesse na aprendizagem devido ao fato de ser um aluno que não tem um embasamento mais refinado na dimensão procedimental (o saber fazer). O mesmo aluno ainda salientou:

*“Eu não sou muito de ficar jogando, sôra [sic]”* (PARTICIPANTE 1).

Para o participante 2 o mesmo aconteceu. Quando houve a pergunta sobre o conteúdo que ele aprendeu, o aluno indagou:

*“Sobre arremessos, passes, sobre fundamento”* (PARTICIPANTE 2).

E ele ainda ressaltou:

*“Aprendi sobre as práticas, o jogo, um monte de coisa”* (PARTICIPANTE 2).

Este participante já praticava o basquetebol fora da escola, em um projeto da comunidade, e para ele o conteúdo relacionado ao fundamento e a dinâmica do jogo foi muito importante, pois ele conseguiu vivenciar atividades diferentes, de modo a estimulá-lo ainda mais na prática e ao conhecimento de temas como a questão do gênero (prática feminina na modalidade) e a ética no esporte.

Já o participante 3 enfatizou que o conteúdo que ele aprendeu foi a história do basquetebol (dimensão conceitual). Para esse aluno:

*“Eu aprendi quando foi inventado, quem inventou, o porquê que inventou, como era o cesto antes e de agora”* (PARTICIPANTE 3).

Este aluno apresentou o comportamento semelhante ao participante 1 em relação a não praticar com frequência o basquetebol e outras modalidades em geral, demonstrando interesse na parte histórica da modalidade.

O participante 4, na mesma pergunta sobre o conteúdo que aprendeu, ele responde:

*“Um monte de coisa”* (PARTICIPANTE 4).

Contudo, este participante enfatizou novamente os fundamentos, história e posicionamento dos jogadores. Para o participante 5, o mesmo discurso se repetiu:

*“Aprendi como jogar, como dar os passes, o básico do basquetebol, o tanto de jogadores, os alas, os pivôs, só isso”* (PARTICIPANTE 5).

Ele lembrou também:

*“Dos melhores jogadores do Brasil, só isso”* (PARTICIPANTE 5).

Segundo Rodrigues (2009), as aulas de basquetebol na escola, na maioria dos casos, estão focalizadas exclusivamente no ensino dos fundamentos básicos do esporte e na vivência do jogo. Aprender a jogar é um dos aspectos fundamentais perseguidos pelas aulas de Educação Física, mas restringir-se a esses conhecimentos pode limitar uma compreensão mais abrangente do basquetebol (RODRIGUES, 2009).

Nesse sentido é essencial que o aluno aprenda a jogar basquetebol, mas também aprenda sobre o esporte e como se relacionar no âmbito de sua prática, de modo a conhecer não só o “saber fazer”, mas também curiosidades, aspectos históricos, regras (dimensão conceitual), questão do gênero, ética no esporte, valores e atitudes (dimensão atitudinal). Perspectiva semelhante é apresentada por Betti (1992) ao referir-se aos motivos envolvidos na realização das aulas de Educação Física na escola. Para o autor:

Não basta (o aluno) correr ao redor da quadra; é preciso saber por que está correndo, como correr, quais os benefícios advindos da corrida, que intensidade, frequência e duração são recomendáveis. Não basta aprender as habilidades motoras específicas do basquetebol; é preciso aprender a organizar-se socialmente para jogar, compreender as regras como um elemento que torna o jogo possível (e, portanto é preciso também que os alunos aprendam a interpretar e aplicar as regras por si próprios), aprender a respeitar o adversário como um companheiro e não um inimigo a ser aniquilado, pois sem ele não há jogo; é preciso, enfim, que o aluno seja preparado para incorporar o basquetebol e a corrida em sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível (BETTI, 1992, p. 286).

Embora esse autor não aborde explicitamente as dimensões dos conteúdos, seus exemplos podem ser alocados nas diferentes formas de compreender as dimensões. Por exemplo, ao descrever as “habilidades motoras específicas do basquetebol”, Betti (1992) refere-se à dimensão procedimental; “compreender as regras como um elemento que torna o jogo possível” pode ser caracterizado pela dimensão conceitual; finalmente, “aprender a respeitar o adversário como um companheiro e não um inimigo” é um ensejo proveniente da dimensão atitudinal. Ou seja, amplia-se as perspectivas para o ensino da Educação Física na escola para muito além do “saber fazer”.

Constata-se a falta de tradição na área da Educação Física no encaminhamento de conteúdos a dimensão conceitual. Muitas vezes, apesar dos professores considerarem abordagens conceituais importantes de serem desenvolvidas nas aulas, isso não acontece efetivamente na prática dos mesmos. É preciso ensinar além das técnicas, regras e táticas, incluindo valores, atitudes e conceitos.

Segundo Rodrigues (2009), a dimensão procedimental ligada também à realização dos movimentos, mais desenvolvida na prática da maioria dos professores de Educação Física, está relacionada à vivência do jogo propriamente dito, dos fundamentos básicos, das técnicas

e táticas. Além disso, o ato de leitura, de pesquisa, de produção de texto, de discussão de temas, por envolver tarefas relativas ao saber fazer, também serão incluídas como conhecimentos procedimentais (RODRIGUES, 2009).

No entanto, o livro didático tem importância fundamental em auxiliar o professor na inclusão de conceitos e valores durante suas aulas, pois de alguma forma, o aluno, além de conhecer e saber a prática (o que ocorre com a maioria deles, não todos), é possível integrar os conceitos, história, valores durante o âmbito da prática esportiva, valorizando a concretização da aprendizagem significativa e a ampliação das dimensões dos conteúdos.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo buscou avaliar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, a partir da implementação de um livro didático constituído de conteúdos referentes ao basquetebol. Para isso, alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental responderam um instrumento avaliativo antes e após as aulas implementadas. As aulas, por sua vez, contaram com o auxílio do livro didático compilado, voltado para os alunos. Por fim, foi realizado um grupo focal com parte dos alunos participantes do processo de implementação das aulas.

Assim, buscou-se compreender a Educação Física escolar de forma mais aprofundada, em meio às leis e diretrizes, as quais qualificam e caracterizam a área como componente curricular obrigatório, e ainda, a compreensão desta em relação ao seu aspecto histórico. A Educação Física em muitas escolas ainda baseia-se em uma concepção tradicional relacionada ao ensino tecnicista de algumas modalidades esportivas, com caráter de reprodução dos movimentos técnicos. Isso se deve, em parte, à grande influência da história da Educação Física proporcionou aos professores que atuam nas escolas, principalmente durante o período na qual ela foi ensinada de acordo com a tendência esportivista.

No basquetebol não foi diferente. A modalidade possuiu historicamente lastros ligados à perspectiva esportivista. No entanto, atualmente, é necessário repensar formas renovadoras de ensino, corroborando com as atuais demandas apresentadas pela área da pedagogia do esporte e da Educação Física escolar. O livro didático é um dos caminhos para fazer essa ligação entre a cultura corporal de movimento e o ensino do basquetebol.

A partir dos pressupostos encontrados, estabelece-se que o livro didático não tem a função de dependência por parte do professor em sua utilização, e sim deve ser compreendido como um ponto de referência, um auxílio para o enriquecimento de suas aulas, de modo que é o professor quem seleciona e indica a aquisição, organizando seu trabalho em sala de aula, selecionando saberes e conteúdos que podem estar inseridos no material.

O que necessitou de mais atenção no estudo foi utilização do livro didático como referencial único a ser seguido, nos quais as atividades sejam adotadas e implementadas sem uma análise detalhada dos conteúdos, não havendo adequação às características da turma, nem mesmo aos objetivos do professor e da escola. Prerrogativas como essas não devem ser endossadas quando se vislumbra uma prática pedagógica crítica e reflexiva.

A principal prerrogativa do trabalho foi a contribuição do estudo para o professor durante a sua prática pedagógica, ilustrando possibilidades de auxílio ao professor na inclusão de conceitos e valores durante suas aulas, pois de alguma forma, o aluno, além de conhecer e

saber a prática (o que ocorre com a maioria deles, não todos), é possível integrar os conceitos, história, valores e atitudes durante o âmbito da prática esportiva, valorizando a aprendizagem significativa e a ampliação das dimensões dos conteúdos.

Para os alunos, o livro didático tem um papel essencial na manipulação e experimentação por parte deles, permitindo a eles visualizarem aspectos didático-pedagógicos dos conteúdos, apresentando uma diversidade de estímulos e abrangência de variadas formas de se compreender as dimensões dos conteúdos ao longo do processo de ensino-aprendizagem das aulas de Educação Física.

Foi encontrado também, que os alunos demonstraram entendimento e possibilidades de aprendizagem dos conteúdos abordados, fato viabilizado a partir da consideração do aumento da nota média na sala, a partir da aplicação do instrumento avaliativo após a implementação das aulas, com o auxílio do livro didático compilado. No entanto, não é possível garantir que os alunos aprenderam mais, uma vez que eles podem apenas ter memorizado alguns conteúdos. A aprendizagem é algo complexo e sua mensuração requer a consideração de diversas fontes que possam corroborar com essa complexidade.

Houve também algumas limitações apresentadas ao longo do presente estudo. O baixo número de alunos no final do processo de ensino-aprendizagem foi um dos fatores referentes a essas limitações. A princípio, objetivou-se desenvolver o projeto em uma sala de cerca de 30 alunos. No entanto, devido à inúmeras intercorrências, a principal delas devido ao elevado número de falta dos alunos durante aulas, além da alta taxa de evasão escolar e transferência de alunos, inviabilizaram tal procedimento. Dessa forma, foi desenvolvido o programa com apenas 21 alunos.

O presente estudo está pautado pela perspectiva qualitativa, não havendo condições de generalizar os resultados. Houve indícios que o processo contribuiu com a aprendizagem dos alunos, sendo possível concluir que o material propiciou, de alguma forma, o processo de apreensão conceitual dos alunos. Todavia, os resultados apresentados não podem ser reproduzidos em diversas escolas devido a se constituírem de diferentes contextos. Considera-se ainda que a pesquisadora não era a professora da turma. Porém, foi ela quem ministrou as aulas, fato que pode ter gerado certo estranhamento por parte dos alunos (que tendeu a diminuir ao longo do processo). Caso a implementação fosse realizada pelo professor da turma, por exemplo, os resultados encontrados poderiam ter sido outros, uma vez que os alunos poderiam ter respeitado mais e acolhido a proposta de uma maneira melhor.

O livro didático foi compilado com parte dos referenciais e pressupostos teóricos de Rodrigues (2009) e Galatti (2006), e como dito, já ressaltado, foi implementado pela pesquisadora. Embora esse fato possa assegurar maior domínio do conteúdo proposto – no caso o basquetebol – por outro lado, isso não garante que a aderência por parte dos alunos seja maior durante as aulas, que a indisciplina diminua e que aprendizagem seja mais significativa. Contudo, possibilitou-se aos alunos a vivência do basquetebol a partir de perspectivas oriundas das três dimensões dos conteúdos, mediado pelo livro compilado. Provavelmente, outros professores teriam outras condutas em relação a isso, implementando e constituindo a prática pedagógica de diversas outras maneiras.

Apesar de tudo isso, o estudo ilustrou algumas possibilidades de inter-relação do basquetebol nas aulas de Educação Física por meio da explícita consideração das três dimensões dos conteúdos, a partir da compilação de um livro didático voltado ao aluno. Há ainda inúmeras outras possibilidades que podem ser desenvolvidas, tendo em vista a imprevisibilidade da prática pedagógica e a consideração de cada contexto. Isso sugere novos estudos nesse contexto buscando, sobretudo, averiguar a aquisição da aprendizagem dos alunos, área ainda pouco explorada na Educação Física escolar.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BATISTA, A. A. G. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, M. (Org.). **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BETTI, M. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação**. Ijuí: Unijuí, 2009.
- BETTI, M. Ensino de primeiro e segundo graus: Educação Física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 13, n. 2, p. 282 – 287, jan. 1992.
- BITTENCOURT, C. M. F. Em foco: história, produção e memória do livro didático. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 1-3, 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm)>. Acesso em: 25 nov. 2011.
- BRASIL. **Lei número 10.328**, de 12 de dezembro de 2001. Publicado no Diário Oficial da União em 13 de dezembro de 2001. Disponível em: <<http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/2001/10328.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2011.
- BRASIL. **Lei número 10.793**, de 1º de dezembro de 2003. Publicado no Diário Oficial da União em 2 de dezembro de 2003. Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/SISLEX/paginas/42/2003/10793.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2011.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Educação Física/ Secretaria de Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- COLL, C.; POZO, J. I.; SARABIA, B.; VALLS, E. **Os conteúdos na reforma**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- DAIUTO, M. **Basquetebol: metodologia de ensino**. São Paulo: São Paulo Editora, 1971.
- DAÓLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Autores Associados, 2004.
- DARIDO, S. C. Avaliação em Educação Física na escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- DARIDO, S. C.; IMPOLCETTO, F. M.; BARROSO, A. L. R.; RODRIGUES, H. A. Livro didático na Educação Física escolar: considerações iniciais. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 450 – 457, abr./jun. 2010.
- DARIDO, S. C.; SANCHES NETO, L. O Contexto da Educação Física na Escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARSIE, M. M. P. Avaliação e aprendizagem. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 99, p. 47-59, nov. 1996.

FERREIRA, H. B.; GALATTI, L.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: considerações pedagógicas e metodológicas no processo de ensino-aprendizagem do basquetebol. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

GALATTI, L. R. **Pedagogia do Esporte**: discutindo o processo de ensino-aprendizagem na modalidade basquetebol. 2002. 98f. Monografia (Bacharelado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GALATTI, L. R. **Pedagogia do Esporte**: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem de jogos esportivos coletivos. 2006. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber livro, 2005.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais. **Eccos**, São Paulo, vol. 4, n. 2, p. 79-88, 2002.

LUCKESI, C. C. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem? **Pátio**, Porto Alegre, n. 12, p. 6-11, fev./abr. 2000.

MATTOS, S. R. de. **O Brasil em lições**: a história como disciplina escolar em Joaquim Manuel de Macedo. Rio de Janeiro: Acces, 2000.

MINAS GERAIS (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular CBC de Educação Física**. Belo Horizonte, 2009.

MUNAKATA, K. Livro didático: produção e leituras. In: ABREU, M. (org). **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

PERNAMBUCO (Estado). Secretaria de Educação. **Orientações teórico-metodológicas Ensino Fundamental**: Educação Física. Recife, 2008.

RAMOS, G. N. S. A natureza da pesquisa em educação física escolar. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 8., 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte EEFUEUSP, 2005.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte**: jogos coletivos de invasão. São Paulo: Phorte, 2009.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Lições do Rio Grande: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Artes e Educação Física. Referencial Curricular, v. 2. Porto Alegre, 2009.

RODRIGUES, H. A. **Basquetebol na escola**: construção, avaliação e aplicabilidade de um livro didático. 2009. 183f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade). Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

RODRIGUES, H. A.; DARIDO, S. C. O livro didático na Educação Física escolar: a visão dos professores. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.1, p.48-62, jan./mar. 2011.

RUFINO, L. G. B; DINIZ, I. K. S.; FERREIRA, A. F.; PALHARES, M. F. S.; DARIDO, S. C. Temas transversais e livro didático: possibilidades para a educação física escolar brasileira. **Revista Mineira da Educação Física**. Viçosa, Edição especial, n. 1, p. 658-669, 2012.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Caderno do aluno:** educação física, ensino fundamental – 6ª série, volume 1 e 2. São Paulo: SEE, 2009.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARJAL, E.; CASTELLANI FILHO, L.; ESCOBAR, M. O.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TEIXEIRA, H. V. **Trabalho dirigido de educação física**. São Paulo: Saraiva, 1983.

TRIVIÑOS, A. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## ANEXO

## Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Câmpus de Rio Claro



|                               |
|-------------------------------|
| Protocolo nº: 10042           |
| Data Registro CEP: 07-12-2011 |

Rio Claro, 02 de abril de 2012.

Ofício CEP 065/2012

Prezada Senhora,

Aprovo "*ad referendum*" do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências, UNESP, Campus de Rio Claro (CEP-IB-UNESP), o projeto de pesquisa intitulado "*A Educação Física Escolar, o basquetebol e o livro didático: avaliação do contexto de aprendizagem*", sob sua responsabilidade – orientanda: Ana Livia Gorgatto Fraiha.

Atenciosamente,

  
Profa. Dra. **Rosa Maria Feiteiro Cavallari**  
Coordenadora

Ilma. Sra.  
Profa. Dra. **Suraya Cristina Darido**  
UNESP/IB-CRC

## APÊNDICES

### Instrumento avaliativo

NOME: \_\_\_\_\_ IDADE: \_\_\_\_\_

#### INSTRUMENTO AVALIATIVO

1- Você saberia descrever o que é basquetebol?

---

---

---

2- Você conhece algum desses jogadores na foto abaixo? Se sim, quem são?



- a) Maurren Maggi, Ronaldo e Hortência;
- b) Ednancy Silva, Oscar Schimidt e Paula Pequeno;
- c) Magic Paula, Oscar Schimidt e Hortência;
- d) Suraya, Luiz Gustavo e Tamires.

3- O basquetebol pode ser jogado:

- a) Na rua, em casa e no campo;
- b) Na rua, na quadra e na escola;
- c) No campo, na rua e na calçada;
- d) Na quadra, apenas.

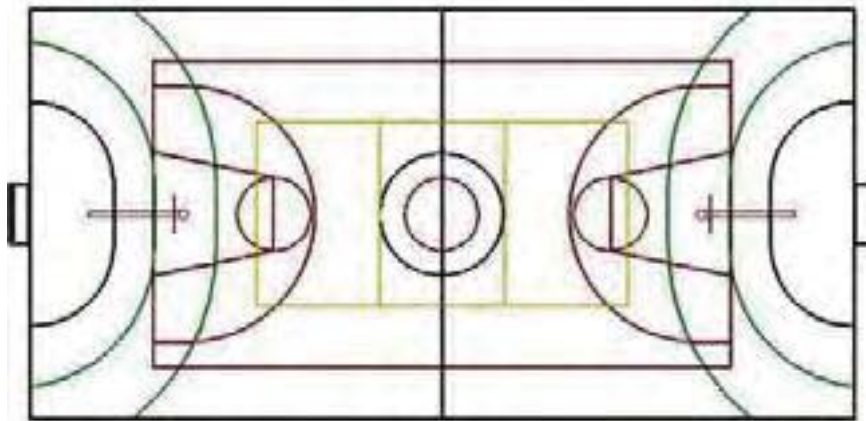
4- Quando se marca o ponto no basquetebol?

- a) Quando a bola atinge o gol;
- b) Quando a bola atinge a janela;
- c) Quando a bola atinge a cesta (aro);
- d) Quando a bola atinge o chão.

5- Quando você assiste ao jogo de basquetebol, quais são os movimentos mais realizados durante a partida?

- a) Chute, toque e arremesso;
- b) Drible, cortada e cabeceio;
- c) Salto, bandeja e saque;
- d) Drible, arremesso e bandeja.

6- Você se lembra quais são as demarcações da quadra de basquete? Se sim, coloque um “x” nas linhas do basquetebol. Lembre-se que é uma quadra poliesportiva, ou seja, com outras modalidades.



7- Como surgiu o basquetebol?

---

---

8- Assinale a alternativa que você considera correta de acordo com as regras do basquetebol:

- a) NÃO é permitido andar com a bola;
- b) O tempo de jogo são dois períodos de 45 minutos cada;
- c) É composto por duas equipes de seis pessoas;
- d) Cada cesta vale UM ponto, independente de onde arremessar.

9- Complete as frases:

|             |             |   |                |
|-------------|-------------|---|----------------|
| Basquetebol | evitar      | 5 | Estados Unidos |
| Bola        | lance-livre |   | equipes        |
|             | jogo        |   |                |

- a) O \_\_\_\_\_ surgiu em 1891, nos \_\_\_\_\_, devido ao inverno rigoroso que fazia.
- b) No \_\_\_\_\_, quando acerta a uma cesta, vale 1 ponto (2 lances).
- c) As \_\_\_\_\_ de basquetebol, são compostas por 2 grupos de \_\_\_\_ pessoas cada uma.
- d) O objetivo do \_\_\_\_\_ é acertar a \_\_\_\_\_ dentro da cesta do adversário e \_\_\_\_\_ que a outra equipe faça pontos.

10- Qual jogador fica perto da tabela/cesta no ataque da sua equipe?

- a) Lateral;
- b) Armador;
- c) Goleiro;
- d) Pivô.

11- Em uma partida de basquete, você considera ser importante:

- a) Dar cotoveladas no jogador adversário;
- b) Ter respeito pelo time adversário;
- c) Xingar o árbitro/juiz;
- d) Pisar na perna do jogador caído na quadra.

12- Analise essa situação:

*“Na aula de Educação Física, na quadra, dividindo os times para jogar basquete, todos os meninos fazem os times apenas com meninos, e as meninas ficam sentadas, pois eles não deixam elas jogarem por acharem que elas não têm habilidades para o jogo”.*

Após ler a situação, você acha que os meninos estão certos de deixar as meninas de fora do jogo de basquetebol? Por quê?

---

---

---

---

**Roteiro do grupo focal**

Sexo: ( ) M    ( ) F

Qual sua idade?

- 1- O material ajudou você a entender o basquetebol?
- 2- Qual(s) conteúdo(s) você entendeu melhor?
- 3- O material estava fácil de entender?
- 4- O material ajudou você aprender sobre o basquetebol?
- 5- O que você aprendeu?
- 6- Você é capaz de praticar atividades que antes não conseguia?
- 7- Você tem alguma crítica ou sugestão sobre o material? Mudaria alguma coisa? Se sim, o quê?
- 8- Vocês acharam que o livro teve a ver com as aulas de Educação Física?
- 9- O que vocês acham da utilização de livros nas aulas de Educação Física?
- 10- Se pudesse dar uma nota ao material em uma escala de 0 a 10, que nota seria?

Livro didático compilado

# BASQUETEBOL



### ***Conhecendo o Basquetebol:***

Você já ouviu falar sobre basquetebol, não é mesmo!? Mas será que você saberia escrever o que é o basquetebol?

---

---

Quais os movimentos mais utilizados?

---

---

Você conhece algum desses jogadores abaixo? Eles são ídolos brasileiros no basquetebol. Se sim, quem são eles?



---

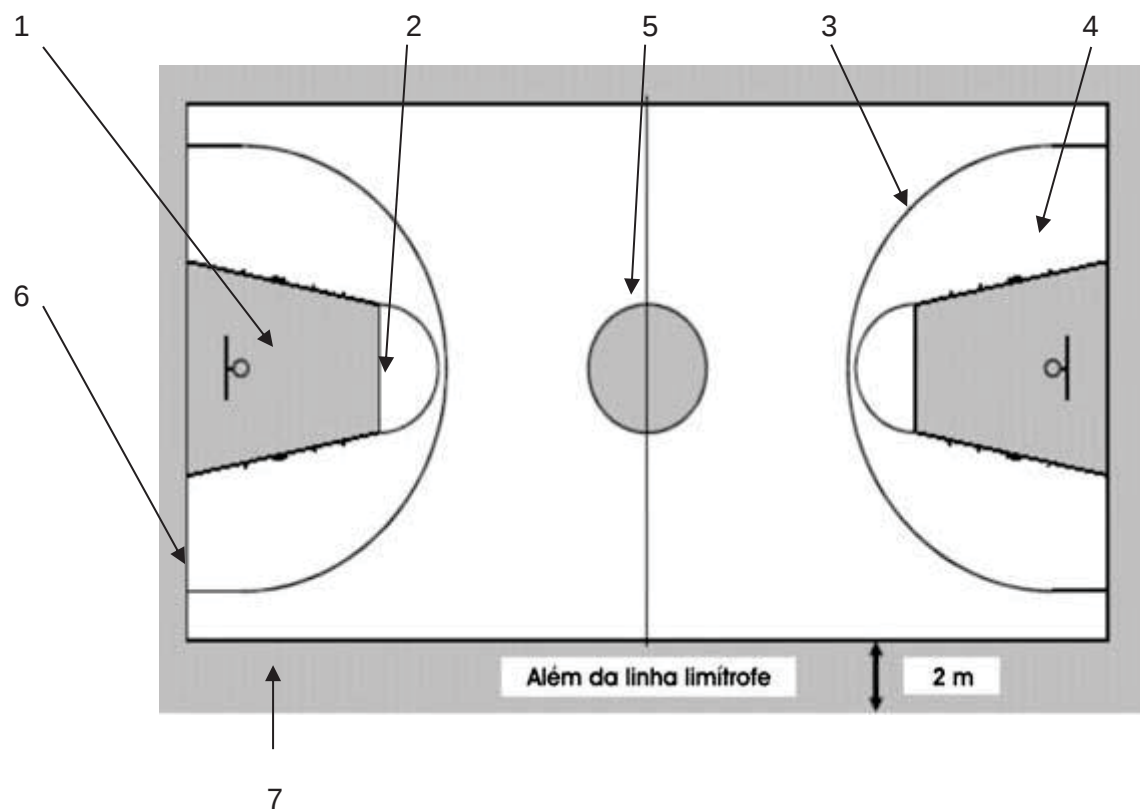
---

---

Eu posso jogar basquetebol no(a):



Será que você conhece a quadra de basquetebol? Observe a figura abaixo e identifique o nome e a função de algumas dessas demarcações.



- ( ) *Linha lateral*: linha perpendicular à linha de fundo. O jogador que com a posse da bola toca a linha lateral com qualquer parte do corpo ou mesmo toca a bola nessa linha perderá a posse para equipe adversária.
- ( ) *Linha de lance livre*: espaço determinado para cobrança da falta recebida por um jogador que estava no ato do arremesso. Ao jogador que cobra o lance livre não é permitido pisar na linha.
- ( ) *Linha de três pontos*: linha que delimita a distância mínima para o arremesso de três pontos. Caso o jogador tenha tocado a linha, antes de a bola sair de sua mão, o arremesso passa a valer dois pontos.
- ( ) *Círculo central*: espaço onde o jogo é iniciado. É permitido a apenas um jogador de cada equipe ocupar o círculo. Cada jogador deve estar de um lado da quadra, o lado que ele estiver ocupando será sua quadra de defesa, ou seja, deve proteger a cesta desse lado da quadra. Os demais jogadores de ambas as equipes podem ocupar qualquer espaço da quadra, seja de sua defesa ou de seu ataque.
- ( ) *Zona de dois pontos*: Todos os arremessos realizados em cima da linha dos três ou após essa linha e próximo a cesta são considerados arremessos de dois pontos.
- ( ) *Linha de fundo*: linha atrás da cesta que indica o final da quadra. O jogador que com a posse da bola toca a linha de fundo com qualquer parte do corpo ou mesmo toca a bola nessa linha perderá a posse para equipe adversária.
- ( ) *Garrafão*: espaço delimitado pelo preenchimento sombreado, local bastante ocupado pelos jogadores mais altos das equipes (os pivôs). Além disso, é um espaço que não pode ser invadido antes da cobrança do lance livre. Durante o jogo o arremesso na região do garrafão vale dois pontos.

"O Basquetebol é jogado por duas equipes de cinco jogadores cada uma. O objetivo de cada equipe é o de jogar a bola dentro da cesta do adversário e evitar que a outra equipe se apodere dela ou faça pontos. A bola poderá ser passada, arremessada, batida por tapas, rolada ou driblada em qualquer direção, respeitadas as restrições impostas pelas regras do jogo".

(definição pela Regras Oficiais do Basketball, Fiba 2000-2002)

A quadra oficial de basquetebol deve medir 28 metros de comprimento por 15 metros de largura. Deve ter um círculo central e dois garrafões, próximos às linhas de fundo da quadra, onde também se localiza a tabela e a cesta (aro). Para completar, temos a linha de 3 pontos.

### ***A História do Basquetebol:***

O basquetebol foi criado no ano de 1891, na cidade de Springfield (estado de Massachussets, nos Estados Unidos), em uma escola da Associação Cristã de Moços. Naquele ano, o inverno era bastante rigoroso e impossibilitava a prática dos esportes favoritos pelos alunos: o beisebol e o futebol americano, pois os campos eram abertos e estavam cobertos pela neve. Foi então que o diretor do colégio pediu a um dos professores do colégio, o canadense James Naismith, que pensasse em um tipo de jogo que pudesse ser praticado também em ambientes fechados, como salas de ginásticas.

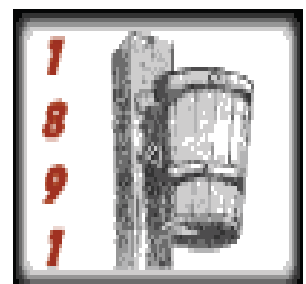


Após muitas reflexões, James Naismith pediu a um funcionário que trouxesse duas caixas para serem fixadas na parede; o funcionário não encontrou as caixas, mas trouxe dois cestos de pêssago, que foram pendurados na sala de ginástica. A partir daí, o professor Naismith criou 13 regras, que constituíram um jogo chamado por ele de BASKETBALL (que em português significa bola ao cesto). Os alunos logo gostaram desse novo jogo, que foi se espalhando pelas escolas da Associação Cristã de Moços do mundo todo, chegando ao Brasil logo em 1894, com o nome de BASQUETEBOL.

James com seu filho Jimmy

Fonte: [www.cbb.com.br](http://www.cbb.com.br)

Assim era a cesta de pêssagos usada quando o basquetebol foi inventado. Era fechada embaixo porque só valiam os pontos quando a bola permanecia lá dentro. As cestinhas com redes, presas em aros de ferro, foram adotadas em 1896. Ao lado da cesta, sempre havia uma escada ou um bastão para sua retirada. Logo depois, criou-se um dispositivo para abrir o fundo da rede com a ajuda de um barbantino. O formato atual passou a ser utilizado em 1898.



### ***Algumas regras do Jogo para conhecimento:***

- Pontuação - o Basquetebol é um jogo no qual 2 equipes buscam fazer o maior número de pontos, acertando a bola na cesta. As cestas podem valer 1, 2 ou 3 pontos;
- Tempo de jogo: oficialmente, o basquetebol é jogado em 4 tempos de 10 minutos cada;
- A equipe de posse da bola tem 8 segundos para passar da meia quadra de defesa para a meia quadra de ataque e o total de 24 segundos para concluir um ataque;
- Um jogador pode ficar 5 segundos de posse da bola sem driblar, sendo também 5 segundos o tempo para cobrar um lateral ou lance-livre. O tempo máximo para um atacante que participa da jogada ofensiva permanecer na área restritiva (garrafão) é de 3 segundos;
- Após passar para o campo de ataque, a equipe atacante não pode mais levar a bola à quadra de defesa;
- Linhas: no basquetebol, linha é fora; portanto, se a bola ou o jogador passar pelas linhas laterais ou de fundo, a posse de bola será do adversário;
- Um jogador de posse da bola só pode movimentar-se com a mesma driblando, não podendo andar com a bola na mão, nem mesmo conduzi-la durante o dribble. Aliás, se um jogador estiver driblando parar e segurar a bola, ele não poderá voltar a bater bola, tendo como opções passar a bola para um companheiro ou arremessar para a cesta;
- A única situação na qual um jogador pode dar dois passos com a bola na mão é na execução da bandeja, mas estes passos devem ser rítmicos;
- Não é permitido ao jogador saltar com a bola na mão e retornar ao solocom a mesma.

*(segundo a FIBA – Federação Internacional de Basquetebol)*

- 1) Você acabou de conhecer algumas regras do jogo. Agora vocês vão ler um textinho para conhecer ainda mais as regras. Após a leitura, realizaremos algumas perguntas (Quiz). Leia atentamente:

*O basquetebol como qualquer outro esporte exige regras para que seja praticado. Algumas regras são universais permitindo que o esporte seja jogado no mundo inteiro.*

*Você sabia que quando um jogador recebe a bola ele não pode sair andando com ela na mão?*

*Para ir de um lado a outro da quadra com a bola o jogador deve driblar. Driblar é bater a bola no chão sem segurá-la, apenas impulsionando com uma das mãos.*

*Você sabia também que quando você recebe a bola, dribla e segura não poderá driblar novamente.*

*Preste atenção, o jogador recebe a bola e começa a bater, em seguida segura a bola. Após ter realizado essa sequência o jogador não pode bater a bola novamente, assim deve realizar um passe ou arremesso.*

*Agora me responda: - Quando é que a bola sai da quadra no basquetebol?*

*Essa pergunta é difícil de ser respondida por que estamos acostumados ao futebol e ao handebol, mas as regras do basquetebol são um pouco diferentes.*

*No futebol, por exemplo, para a bola sair ela tem que ultrapassar todo o limite da linha lateral ou de fundo, já no basquetebol a bola não sai quando ultrapassa a linha, é considerada fora*

*quando tocar a linha ou chão fora da quadra. Mas se estiver suspensa no ar fora da quadra continua em jogo, sai apenas quando tocar o chão.*

*No handebol, por exemplo, se o jogador estiver fora da quadra, mas mantém a bola dentro da quadra não é considerado bola fora, no basquetebol ao contrário essa mesma situação é bola fora.*

*Agora que já sabe algumas regras responda em grupo o Quiz.*

2) Leia o texto abaixo:

*O drible é um dos fundamentos básicos do basquetebol mais observados ao longo do jogo, uma de suas funções é o deslocamento com a posse da bola, além disso, o drible é um movimento que possibilita ao jogador a busca de melhores posições para realização do passe seguro.*

*Apesar de sua importância observamos com frequência o uso excessivo do drible, jogadas que poderiam ser resolvidas com simples passe acabam interrompidas pelo individualismo de alguns jogadores. Antes de adotar a postura do drible excessivo, valorize o passe como um movimento mais objetivo, além de representar um ato de generosidade, já que ocorre o compartilhamento da posse de bola.*

- Quais as duas principais funções do drible?

---

- Qual estratégia pode ser adotada para que os jogadores não realizem excessivamente o drible?

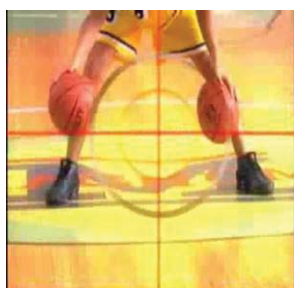
---

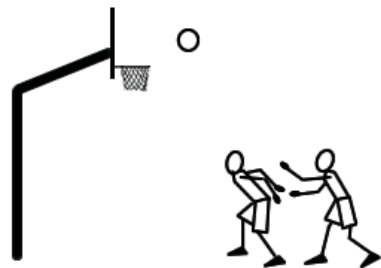
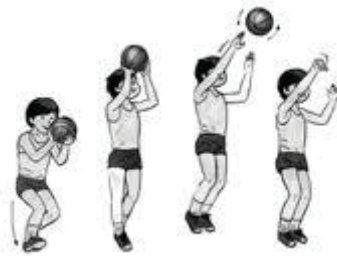
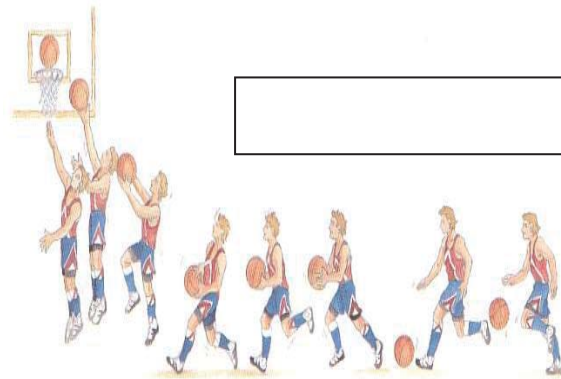
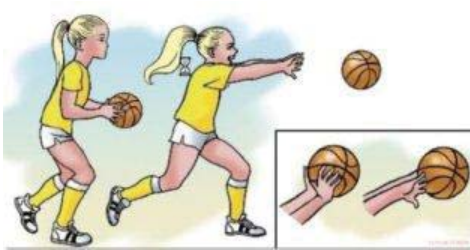
***Basquetebol: a dinâmica do jogo e os fundamentos básicos***

Fundamentos básicos são:

- 1- CONTROLE DO CORPO
- 2- CONTROLE DE BOLA
- 3- DRIBLE
- 4- PASSE
- 5- RECEPÇÃO
- 6- ARREMESSO
- 7- REBOTE
- 8- BANDEJA

Agora vocês coloquem o nome do fundamento de acordo com as figuras:





Encontre as palavras:

Os fundamentos estão perdidos no caça-palavras. Encontre-os:

|   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| A | S | D | F | G | H | J | K | I | L | C | Q | T | W | Q | H | H | J | P | Q | M | B | L |
| Q | A | A | E | K | M | G | Ç | L | I | R | Z | A | E | R | T | R | X | R | P | F | G | E |
| W | Q | A | D | L | E | F | O | I | B | A | N | D | E | J | A | G | C | T | O | D | D | I |
| E | U | L | C | O | D | F | H | P | A | S | S | E | I | T | E | O | V | R | S | S | S | O |
| R | E | O | V | I | I | S | G | A | S | A | A | A | G | W | S | S | A | E | I | Q | W | I |
| T | D | B | F | J | M | A | F | W | Q | Ã | A | R | F | D | F | I | D | A | G | W | E | Y |
| T | C | * | R | H | N | Ç | F | W | U | A | A | R | E | S | B | J | F | G | I | E | R | T |
| Y | V | E | T | D | F | A | R | R | E | M | E | S | S | O | K | H | G | D | O | R | G | R |
| U | G | D | Y | F | O | D | S | E | T | A | C | D | R | T | K | F | H | S | * | T | H | E |
| B | T | * | H | R | E | B | O | T | E | Ã | O | C | R | R | Y | D | E | A | D | Y | K | W |
| I | R | E | D | K | S | G | A | E | B | R | M | S | Ã | S | U | S | F | R | Y | U | L | A |
| F | E | L | S | I | A | B | A | S | O | T | U | A | D | R | I | B | L | E | * | O | F | S |
| I | D | O | A | U | I | V | F | D | L | Y | Y | V | N | N | M | A | W | C | D | P | M | D |
| O | C | R | Q | Y | D | C | T | F | G | H | R | U | I | P | H | F | E | E | E | I | N | F |
| P | V | T | W | T | Y | X | E | G | A | R | V | B | E | N | H | D | A | P | U | E | B | G |
| J | B | N | E | R | S | Z | R | H | D | F | A | R | M | R | W | O | Y | Ç | D | W | V | H |
| G | N | O | D | B | A | B | A | Y | T | U | D | I | B | O | M | Y | A | Ã | S | Q | C | J |
| A | H | C | O | N | T | R | O | L | E | * | D | E | * | C | O | R | P | O | X | B | A | L |
| Y | G | C | H | U | T | E | G | T | A | S | D | G | H | J | K | T | Y | U | I | O | P | J |
| I | F | S | D | K | J | E | G | R | T | G | B | N | J | U | U | R | S | D | F | G | H | B |

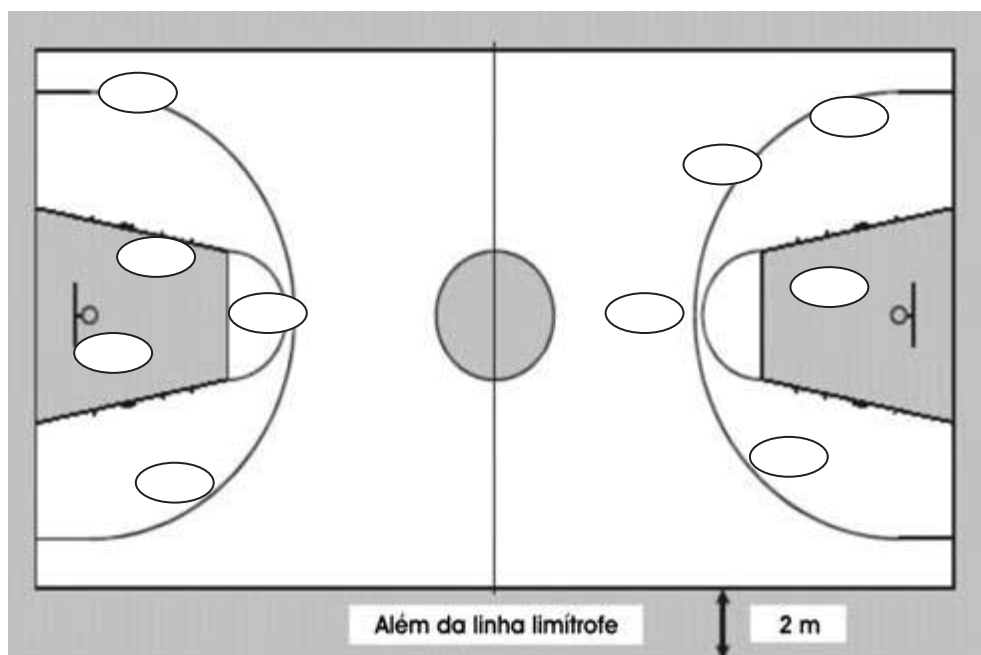
Posições dos jogadores:

LATERAL

PIVÔ

ARMADOR

Abaixo apresentamos duas formações diferentes de ataque em que o número de pivôs e laterais são diferentes. A partir das características apresentadas de cada posição, tente nomear as posições representadas pelos balões na figura:



---

**Ana Livia Gorgatto Fraiha**  
**(aluna)**

---

**Suraya Cristina Darido**  
**(orientadora)**

---

**Luiz Gustavo Bonatto Rufino**  
**(Co-orientador)**